



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário do Porto
Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Arquitetura

“Construir um Lugar”
Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas

João Miguel Da Silva Vaz

Dissertação de Mestrado apresentada a provas públicas para a obtenção do grau de mestre em Arquitetura orientada pela Prof. Doutora Ana Cláudia Pereira Monteiro.

Porto, novembro de 2023

www.ulusofona.pt



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA

Centro Universitário do Porto
Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Arquitetura

“Construir um Lugar”

Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas

João Miguel Da Silva Vaz

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona, Centro Universitário do Porto no dia 14/ 11/ 2023 perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação n.º: 374/2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho;

Arguente: Profª. Doutora Isabel Clara Neves da Rocha Marques;

Orientador: Profª Doutora Ana Cláudia Pereira Monteiro.

Porto, novembro de 2023

www.ulusofona.pt



FIGURA 1 – ESCARPA DAS FONTAINHAS (fonte: autor)

Dedico esta dissertação à minha Avó Quininha, pelo amor incondicional que sempre me deu, por sempre me dar um sorriso, mesmo quando não estava bem e por sempre acreditar em mim.

**Muito obrigado, nunca a esquecerei e um até já
minha pequenita...**

Agradecimentos

Primeiramente quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Cláudia Monteiro, por toda a disponibilidade, rigor e apoio durante a orientação e realização da dissertação.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam durante o meu percurso académico e que me ensinaram, não só a fazer arquitetura, mas a gostar daquilo que fazemos.

Aos meus pais, To-mané e Nandinha, que sempre estiveram lá, por todo o apoio incondicional, motivação, paciência, amor e compreensão durante este meu percurso.

Ao meu irmão David, por esta nossa amizade para a vida e por sempre estares lá quando mais precisei.

À minha irmã Bárbara pelo apoio que me deu, por acreditar em mim e me mostrar que com esforço tudo se consegue.

Ao meu irmão Filipe por me ter acompanhado nesta jornada, pelo amor incondicional, pelo companheirismo e por me mostrar que tudo é possível, voa alto meu irmão.

À minha Tia da Missa, por tudo o que fez.

A todos, muito obrigado.

Para a minha Bruna um agradecimento especial, por me ter acompanhado neste percurso, por todo o amor incondicional, paciência e compreensão e por me mostrar que consigo alcançar todos os meus sonhos.

Para Sempre Juntos.

Resumo

A presente dissertação aborda o significado de *construir um lugar*, onde a relação entre o projeto arquitetónico e a transformação do lugar existente se interligam. O principal objetivo desta dissertação é assim compreender como o lugar influencia o projeto e como o projeto pode construir um novo lugar. O objeto de estudo é o projeto para uma Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas, na cidade do Porto, proposto pela Unidade Curricular de Projeto V. Deste modo é explorada a importância de considerar os elementos formais da área de intervenção, assim como a conexão com a cidade e os seus habitantes, na criação de um projeto de arquitetura.

O estudo concentra-se, primeiramente, numa análise morfológica do lugar na sua forma atual, considerando os principais momentos históricos do seu processo de transformação. Esta análise visa compreender as ruas e espaços públicos, as parcelas e os edifícios e como estes caracterizam e definem este território, que possui uma grande importância histórica no desenvolvimento da cidade do Porto.

De seguida, é realizada uma análise crítica do lugar, com base na experiência empírica do autor, desenhos e fotografias. Esta análise pretende complementar a primeira mostrando uma visão pessoal sobre a forma física e como esta pode influenciar a vivência social e a relação das pessoas com a cidade, mais propriamente na envolvente próxima da área a ser intervencionada.

Partindo deste estudo é analisado o Projeto V, com base nos mesmos elementos formais considerados fundamentais, no contexto desta dissertação, para a caracterização desta área urbana: ruas e espaços públicos, parcelas e edifícios. Esta análise procura identificar como as principais opções do projeto interpretaram o lugar, quer através da continuidade morfológica com os elementos formais da envolvente, quer através da introdução de alguma descontinuidade ou mudança formal. Finalmente, procura-se concluir sobre como o *lugar* influenciou o projeto, e sobre que *novo lugar* este foi capaz de construir.

Palavras-Chave: análise morfológica, análise crítica.

Abstract

This dissertation addresses the meaning of building a place, where the relationship between the architectural project and the transformation of the existing place are intertwined. The main objective of this dissertation is to understand how the place influences the project and how the project can build a new place. The object of study is the project for a Student Residence at Escarpa das Fontainhas, in the city of Porto, proposed by the Curricular Unit of Project V. In this way, the importance of considering the formal elements of the intervention area, as well as the connection with the city and its inhabitants, in the creation of an architectural project is explored.

The study concentrated, in advance, on a morphological analysis of the place in its current form, considering the main historical moments of its transformation process. This analysis aims to understand the streets and public spaces, plots and buildings and how they characterize and define this territory, which has great historical importance in the development of the city of Porto.

Then, a critical analysis of the place is carried out, based on the author's empirical experience, drawings and photographs. This analysis intends to complement the first one by showing a personal view on physical form and how it can influence people's social experience and relationship with the city, more specifically in the surroundings close to the area to be intervened.

Starting from this study, Project V is analyzed, based on the same formal elements considered fundamental, in the context of this dissertation, for the characterization of this urban area: streets and public spaces, parcels and buildings. This analysis seeks to identify how the main design options interpreted the place, either through morphological continuity with the formal elements of the surroundings, or through the introduction of some discontinuity or formal change. Finally, an attempt is made to conclude on how the place influences the project, and on what new place it is capable of building.

Keywords: morphological analysis, critical analysis.

Índice

Resumo	vii
Abstract	ix
Índice	xi
Índice de Figuras	xiii
Capítulo I - Introdução	1
Capítulo II – Contextualização do lugar.....	5
2.1 Análise Morfológica.....	6
2.1.1 Ruas e espaços públicos	6
<i>Direções estruturantes</i>	6
<i>Pontos de convergência</i>	8
2.1.2 Parcelas.....	13
<i>Parcelas padronizadas</i>	13
<i>Parcelas excepcionais</i>	14
2.1.3 Edifícios	19
<i>Edifícios comuns</i>	19
<i>Edifícios especiais</i>	20
<i>Número de pisos</i>	23
2.2 Análise Crítica.....	27
<i>Percurso Guindais / Ribeira</i>	31
<i>Percurso Guindais / Miradouro das Fontainhas</i>	35
<i>Percurso Batalha / Miradouro das Fontainhas</i>	39
Capítulo III– Do Lugar ao Projeto	43
3.1 Projeto – Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas.....	43
<i>Ruas e espaços públicos</i>	44
<i>Parcelas</i>	45
<i>Edifícios</i>	47
3.2 Síntese	52
<i>Ruas e espaços públicos</i>	52
<i>Parcelas</i>	52
<i>Edifícios</i>	53
Capítulo IV – Considerações Finais	55
Referências Bibliográficas	59

Índice de Figuras

<i>Figura 1 – Escarpa das Fontainhas</i>	iv
<i>Figura 2 – Figura 2 – Método de Trabalho</i>	3
<i>Figura 3 – Limite Área em Estudo</i>	5
<i>Figura 4 – Ruas</i>	11
<i>Figura 5 – Parcelas</i>	17
<i>Figura 6 – Edifícios</i>	21
<i>Figura 7 – Edifícios: Número de Pisos</i>	25
<i>Figura 8 – Percursos</i>	29
<i>Figura 9 – Mapa Percurso Guindais/Ribeira</i>	33
<i>Figura 10 – Início do Percurso</i>	33
<i>Figura 11 - Início das Escadas dos Guindais</i>	33
<i>Figura 12 - Vista do Largo Actor Dias/ Terreno de Projeto V</i>	33
<i>Figura 13 - Vista do Largo Actor Dias</i>	33
<i>Figura 14 - Mapa Percurso Guindais/ Miradouro das Fontainhas</i>	37
<i>Figura 15 - Vista Viaduto</i>	37
<i>Figura 16 - Estacionamentos sobre o Viaduto</i>	37
<i>Figura 17 - Passeio das Fontainhas</i>	37
<i>Figura 18 - Vista Ponte do Infante</i>	37
<i>Figura 19 - Mapa Percurso Batalha/ Miradouro das Fontainhas</i>	40
<i>Figura 20 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para a Batalha</i>	40
<i>Figura 21 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para o Miradouro Das Fontainhas</i>	40
<i>Figura 22 – Rua Alexandre Herculano/ Vista para o Miradouro das Fontainhas</i>	40
<i>Figura 23 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para o Miradouro das Fontainhas</i>	40
<i>Figura 24 – Proposta Projeto V</i>	41
<i>Figura 25 – Tabela Programa Projeto V</i>	43
<i>Figura 26 – Ligação do Largo Actor Dias ao Passeio das Fontainhas</i>	44
<i>Figura 27 – Percurso Norte/Sul</i>	45
<i>Figura 28 – Implantação</i>	46
<i>Figura 29 – Circulações</i>	48
<i>Figura 30 – Planta Piso 1 (Cota 68.1)</i>	49
<i>Figura 31 – Planta Piso Entrada (Cota 65.15)</i>	49
<i>Figura 32 – Planta Piso -1 (Cota 61.5)</i>	49

<i>Figura 33 – Planta Piso -2 (Cota 58)</i>	49
<i>Figura 34 – Fachada virada para o Rio Projeto V</i>	51
<i>Figura 35 – Fachada lateral</i>	51
<i>Figura 36 – Fachada do Largo Actor Dias</i>	51
<i>Figura 37 – Fachada da Rua do Miradouro</i>	51

Capítulo I - Introdução

“Siza fala algumas vezes do espinhoso ofício de ‘construir um lugar’. O que significa ‘construir um lugar’? E mais amplamente: o que é um lugar? Aparentemente, ‘construir um lugar’ é substituí-lo por outro, como afirma o próprio Siza a propósito da pendente sobre uma estrada movimentada.” (Higino, 2010, p. 28)

O que é um lugar? No ensaio “*Construir, Habitar, Pensar*”, o filósofo alemão Heidegger fala sobre a fenomenologia do lugar habitado, onde refere que o espaço habitado não é identificado apenas pela sua dimensão interna, mas também pelos seus espaços externos, que o homem pode usufruir e adaptar ao seu modo de vida. Neste ensaio é estabelecida ainda uma relação entre o conceito de habitar e construir (Heidegger, 2015 [1951]). Heidegger influenciou inúmeros arquitetos, como é o caso de Norberg-Schulz, que define um lugar como sendo “*a concreta manifestação do habitar humano*” (Norberg-Schulz, 2006, p. 6). Neste sentido, torna-se possível a compreensão do lugar relativamente ao seu significado, tendo como ponto de partida o que o define e constitui. No contexto da presente dissertação, o foco recai fundamentalmente na compreensão da importância do lugar na prática do projeto de arquitetura.

“De um ponto de vista prático, um projeto (por exemplo um edifício) é sempre e em qualquer caso uma transformação do que existe antes (o lugar) e a relação entre os dois não pode ser certamente ignorada. Dos dois, o que tem já uma forma (que já deu a sua resposta) é o lugar, por isso, teoricamente, mas também tecnicamente, é o projeto que se conforma ao lugar. Mas do ponto de vista prático, neste encontro modifica-se igualmente o lugar (o lugar assume uma nova forma). E isto quer dizer que quando fazemos um projeto, para todos os efeitos projetamos também um seu lugar.” (Grassi, 2018, p.369)

O tema escolhido para esta dissertação, *construir um lugar*, surge da vontade de refletir sobre como a criação de um projeto, para além de se encontrar ligada à percepção pessoal do arquiteto, está diretamente relacionada com o lugar onde se insere. Esta reflexão relaciona-se com o projeto realizado na Unidade Curricular de Projeto V, referente a uma Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas, na cidade do Porto. Esta dissertação tem como objetivo principal perceber como o lugar influencia o projeto e como o projeto pode construir um novo lugar. Assim, considera-se que para construir um lugar, ou seja,

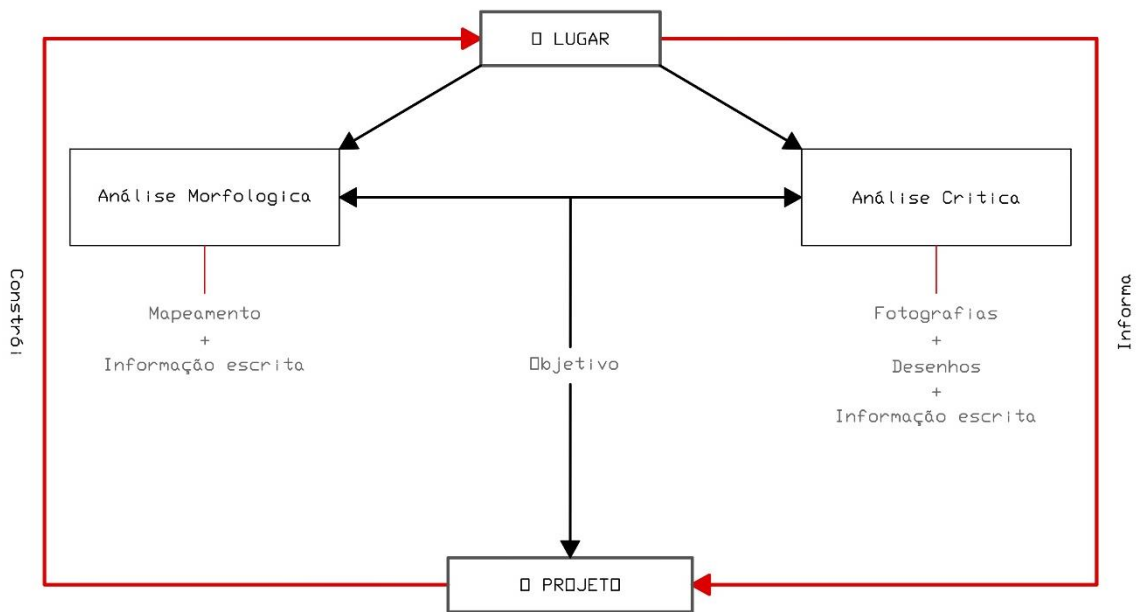
substituir ou modificar um lugar por outro, é fundamental um olhar atento sobre o lugar a intervencionar. Partindo deste pressuposto, o trabalho apoia-se em duas análises complementares - uma análise morfológica e uma análise crítica e pessoal do autor.

A análise morfológica insere-se no campo da morfologia urbana definida como o “*estudo das formas urbanas, dos agentes e processos responsáveis pela sua transformação*”, e analisa a forma urbana no que “*se refere aos principais elementos físicos que estruturam e moldam a cidade*”, como o plano bidimensional da cidade (ruas e praças, parcelas e planta de implantação dos edifícios), o tecido edificado e os usos (Oliveira, 2016, p. 2, tradução livre do autor). Ainda segundo Oliveira (2016) a análise da forma urbana e a sua compreensão ajudarão o arquiteto a perceber quais as características estruturais para a cidade que devem ser respeitadas e quais os elementos que podem ser alterados. Esta questão relaciona-se também com o grau de permanência e transformação das formas urbanas no desenvolvimento das cidades. Se os elementos do plano de cidade (ruas, parcelas e planta de implantação dos edifícios) têm um caráter mais permanente, o tecido edificado tende a ser menos permanente e mais sujeito a modificações, já os usos alteram-se consideravelmente ao longo do tempo (Conzen, 2022[1969]).

A análise crítica, complementar à análise morfológica, serviu para introduzir uma visão pessoal baseada na experiência e na vivência do local, procurando perceber tanto os problemas como as características próprias desta área, que o projeto poderia procurar resolver ou potenciar.

O conhecimento do lugar a intervencionar, através destas duas análises, permitiu informar a conceção da proposta para Projeto V. Nesse sentido, considerou-se que o estudo da área de intervenção fornece os vários elementos formais característicos do lugar que o projeto poderia, ou não, respeitar ou usar como referência. Entre a preservação de elementos formais e a introdução de novos elementos, procura-se assim compreender a relação do projeto com o lugar. O objetivo fundamental é perceber como se pode criar uma melhor ligação física do projeto com o sítio pré-existente, integrando o projeto na cidade e contribuindo positivamente para a vivência urbana, porque, sublinhando o pensamento dos arquitetos Álvaro Siza e Giorgio Grassi, projetar é também criar um *novo lugar*.

FIGURA 2 – MÉTODO DE TRABALHO



Método de trabalho e estrutura da dissertação

Conforme referido neste primeiro capítulo, o tema em discussão nesta dissertação - como o lugar influencia o projeto e como o projeto constrói um novo lugar - aplica-se ao caso de estudo da Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas (Projeto V).

O método de trabalho (Figura 2) usado para desenvolver o tema começa pela contextualização do local a ser intervencionado (Capítulo 2). Nesse sentido é delimitada uma área de estudo e são realizadas duas análises. Primeiro, uma análise morfológica (Secção 2.1), que se dedica ao conhecimento do espaço físico e que analisa três elementos: as ruas e espaços públicos, as parcelas e os edifícios. Define-se ainda uma subestrutura de análise que engloba um conjunto de pontos considerados importantes para abordar cada um destes elementos. De seguida é realizada uma análise crítica (Secção 2.2), que complementa a primeira, e corresponde ao estudo mais pessoal do autor ligado às pessoas e à sua vivência do lugar e quais as sensações que estas podem obter a percorrer cada espaço físico.

No Capítulo 3, com base na mesma grelha de análise usada para compreender e interpretar as características físicas fundamentais do lugar, realiza-se a análise do projeto da Residência de Estudantes e as suas opções estruturais. No final, pretende-se concluir de que modo o projeto reflete as características do lugar e como poderia vir a contribuir para a transformação do mesmo (Capítulo 4).

Capítulo II – Contextualização do lugar

Este capítulo pretende construir um conhecimento abrangente do lugar, em duas vertentes: análise morfológica e análise crítica. A área de estudo foi delimitada de modo a enquadrar o terreno de Projeto V na sua envolvente urbana, dos Guindais até ao Miradouro das Fontainhas, incluindo os quarteirões contíguos a norte (Figura 3).

FIGURA 3 – LIMITE ÁREA EM ESTUDO



2.1 Análise Morfológica

Esta secção apresenta a análise dos elementos formais do território em estudo: ruas e espaços públicos, parcelas e edifícios. São abordados os aspetos considerados mais relevantes para a compreensão do lugar tendo em vista a criação de um projeto na área em estudo. Analisa-se o lugar na sua forma atual, com o auxílio de alguns factos históricos que ajudam a perceber as transformações formais que conduziram à atualidade.

2.1.1 Ruas e espaços públicos

Relativamente às ruas e espaços públicos, os temas em análise foram identificados da seguinte forma: principais direções estruturantes e pontos de convergência (Figura 4).

Direções estruturantes

Podem-se considerar como direções estruturantes (marcadas a tracejado na Figura 4) aquelas que desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento desta parte da cidade do Porto. A primeira direção considerada é a Norte/Sul. Inicialmente esta direção caracteriza-se pela ligação entre as cotas alta e baixa da cidade. A expansão da cidade no século XIV, para lá da muralha romana pré-existente, fez com que se estendesse o plano da cidade desde a cota superior até às margens do rio Douro. Com esta expansão ocorre a necessidade de proteger esta nova parte da cidade e é então construída a Muralha Fernandina, concluída em 1376. Como forma de combater o desnível do terreno, podem-se observar ruas definidas por escadas como é o caso das Escadas do Codeçal ou dos Guindais, no lado exterior da muralha (Ralha *et al*, 2014).

Em 1891, é criado o Elevador dos Guindais, projeto de Raul Mesnier, que trouxe a possibilidade de percorrer mais facilmente a zona íngreme da escarpa dos Guindais. A 5 de junho de 1893 dá-se um acidente, que conduziu ao encerramento prematuro do elevador dos Guindais. Já em 2001, é executado um projeto de reabilitação urbana onde é recuperada esta importante ligação através do Funicular dos Guindais, projeto do Arquiteto Adalberto Dias (Ralha *et al*, 2014).

Posteriormente, a direção Norte/Sul materializa-se através da introdução da Ponte do Infante. Inaugurada em 2003, veio colmatar a necessidade da ligação automóvel entre Porto e Gaia pela cota alta, após a transferência do tabuleiro superior da Ponte Luís I para o Metro do Porto. Esta direção, ao contrário das primeira, veio criar uma rutura nesta área do Porto (Ferreira, 2018; Timana, 2018) contribuindo para a descaraterização da Alameda das

Fontainhas. O que antigamente era um lugar para passear e conviver é atualmente um misto entre resquícios de um espaço público, cuja função não é exata, e um parque de estacionamento (Ferreira, 2018).

A segunda direção considerada estruturante é a Poente/Nascente. Esta relaciona-se com a expansão da cidade para nascente da Muralha Fernandina, na segunda metade do século XVIII, levando a que ocorresse progressivamente a demolição da muralha dando origem a novas ruas, espaços públicos e edifícios. É de salientar a importância da construção do Matadouro das Fontainhas, em 1797, que desempenhou um papel fundamental no início da expansão Poente/Nascente da cidade (Magalhães, 2016; Ferreira, 2018).

Esta expansão para nascente conduziu ao desenho do “passeio-aresta” da cidade, a Alameda das Fontainhas construída em finais do século XVIII. Já no século XIX, com o desenvolvimento industrial ocorreu o desenvolvimento urbanístico o que conduziu a uma intensificação do uso dos passeios públicos por parte da classe burguesa, fazendo com que estes passassem a ser um símbolo da burguesia, que conduziu à transformação da Alameda das Fontainhas no Passeio Público das Fontainhas (Ferreira, 2018; Barata, 1999).

É ainda pertinente destacar a importância do Passeio das Fontainhas que faz a ligação entre a Alameda das Fontainhas (atual Miradouro das Fontainhas) e o Largo Actor Dias. Em 1839 é realizado um plano que redesenha o Passeio das Fontainhas, e já no início do século XX, sofre um alargamento junto ao Largo Ator Dias. Em desacordo com a sua importância histórica, o Passeio das Fontainhas encontra-se interrompido junto ao Largo Ator Dias desde 2001 devido a desabamentos na escarpa¹. A interrupção desta direção Poente/Nascente, que corta a transição entre o Passeio das Fontainhas e o Largo Actor Dias, isolando assim estes espaços, é um fator determinante para a descaracterização desta zona.

Outra direção Poente/Nascente que se pode observar é a Avenida Gustavo Eiffel, paralela ao Rio Douro, que define esta área do Porto pela cota inferior. Esta Avenida é considerada importante, também, porque delimita a cota inferior da Escarpa das Fontainhas, em contacto com a área a projetar.

A direção correspondente à Rua Nova da Batalha (atual Rua de Alexandre Herculano) cujo projeto de construção foi aprovado em 1875, foi também considerada importante uma vez que faz a ligação entre a Praça da Batalha e o Miradouro das Fontainhas. Esta ligação foi,

¹ O primeiro desabamento da escarpa ocorreu em 1879. Mais recentemente registaram-se vários desabamentos (1947 e 2000/2001) que culminaram no seu encerramento.

no entanto, de algum modo descaracterizada junto ao Miradouro pela construção da Ponte do Infante (direção Norte/Sul), criando um *ponto de convergência* a duas cotas, como veremos mais à frente neste capítulo.

Já na segunda metade do século XX pode-se observar o aparecimento de uma nova direção nesta área, introduzida pelo viaduto Duque de Loulé, proposto no Plano Auzelle de 1962² e construído no final dos anos 70. Esta direção pretendia libertar o trânsito do centro da cidade, direcionando-o para Norte.

No Plano Auzelle é possível observar-se o projeto urbano por detrás do viaduto, que era composto por duas fases: a primeira responsável pela realização do viaduto e acessos e a segunda, não executada, que serviria como ancoragem do mesmo e que tinha como previsto a construção de serviços administrativos e comerciais. É importante referir que esta nova direção, apesar de melhorar a circulação da área, veio descaracterizá-la uma vez que rasgou a malha urbana consolidada, demolindo uma parte significativa, o que levou a ser deixada para trás a definição do espaço urbano (Magalhães, 2016).

Pontos de convergência

Os pontos de convergência correspondem a áreas de grande afluência que se caracterizam pela interseção entre duas ou mais ruas, ou por pontos historicamente importantes. Nesta área foram selecionados três pontos.

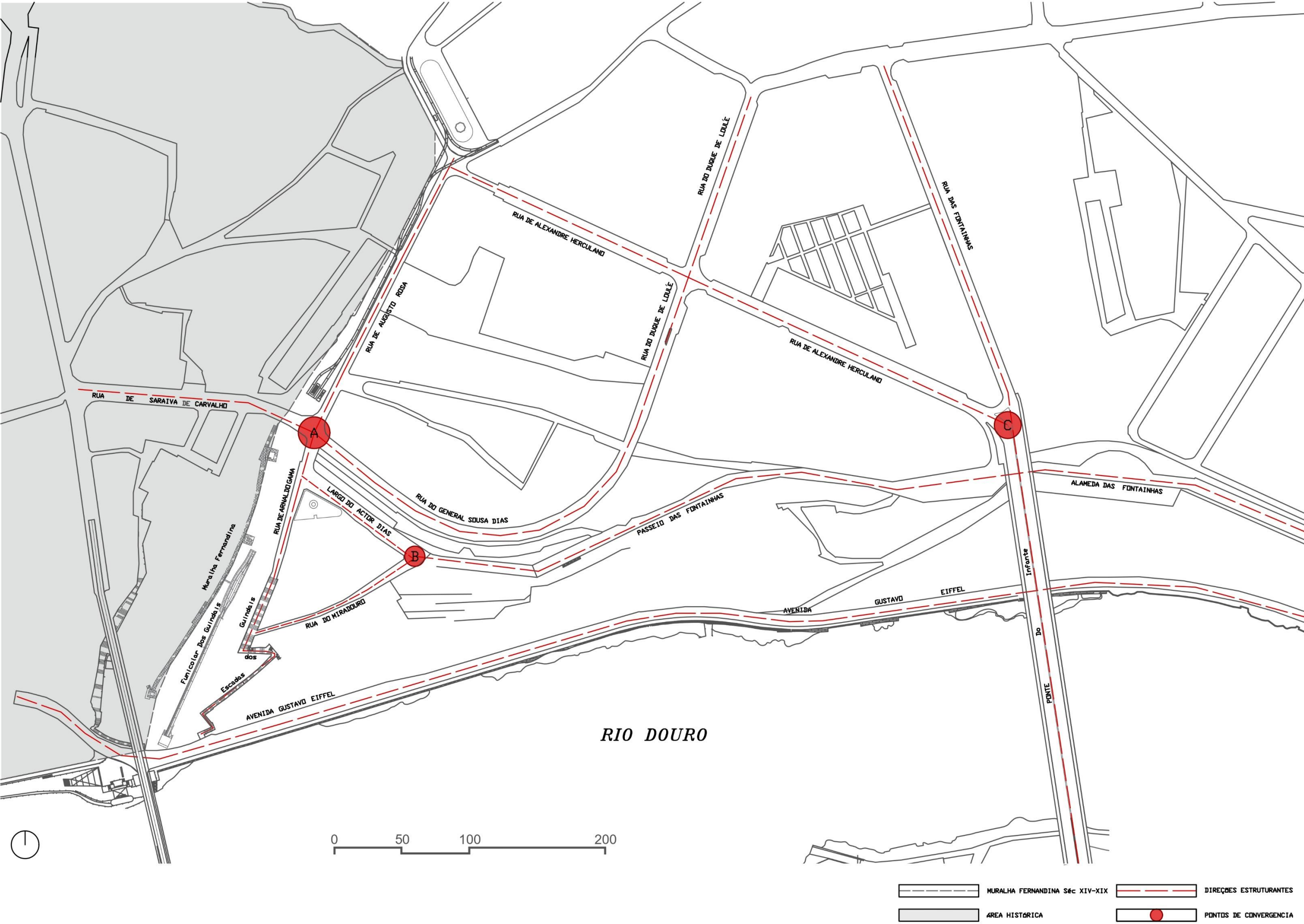
O primeiro ponto de convergência (Figura 4, ponto A) corresponde à interseção entre o alinhamento Norte/Sul e o alinhamento do viaduto Duque de Loulé, acomodando uma área de grande tráfego e aglomerado de pessoas devido à proximidade do centro histórico, do que resta da Muralha Fernandina, e de um conjunto de edifícios especiais como veremos na subsecção “Edifícios”.

O segundo ponto (Figura 4, ponto B) coincide com a interseção entre a Rua do Miradouro, o Largo Actor Dias e o Passeio das Fontainhas, que delimitam pela cota superior a área a projetar. É de realçar este ponto uma vez que o Largo Actor Dias tem um caráter de espaço público importante para a cidade e é o ponto onde a ligação fundamental do eixo Poente/Nascente é interrompida, conforme já referido.

² O plano de Robert Auzelle tinha como perspetiva a inserção de um sistema de vias rodoviárias que ajudassem na modernização da cidade. Todavia este plano não foi concretizado na sua totalidade, caso contrário, toda a zona da Ribeira-Barredo teria sido demolida, como forma de possibilitar o fluxo automóvel e a criação de parques de estacionamento (Plano Diretor Cidade do Porto, 1962; Júnior, 2016).

Por último, é de salientar o terceiro ponto de convergência (Figura 4, ponto C), uma vez que faz a convergência entre duas ruas importantes da cidade, nomeadamente a Rua das Fontainhas e a Rua de Alexandre Herculano e é neste ponto que é possível observar a descaracterização que ocorreu nesta área com a introdução do novo alinhamento Norte/Sul, a Ponte do Infante, conforme referido acima. É ainda importante mencionar que este ponto se desenvolve em duas cotas, a superior feita pela ligação da Ponte, e a inferior realizada pela Alameda das Fontainhas.

FIGURA 4 – RUAS



2.1.2 Parcelas

As parcelas são elementos fundamentais na estrutura física da cidade, são “*a expressão física da propriedade individual e, como tal, são distintas do espaço público ou coletivo*”. Nesse sentido, assumem um papel essencial na definição do espaço urbano, separando o domínio público do privado, ou os distintos domínios privados (Oliveira, 2016, p. 23, tradução livre do autor). Relativamente a este tema, analisaram-se as parcelas no decorrer da evolução desta parte da cidade do Porto e como tal, foram identificadas da seguinte forma: parcelas padronizadas e parcelas excecionais (Figura 5).

Parcelas padronizadas

A análise efetuada às parcelas permitiu identificar dois tipos de parcelas, maioritariamente de uso habitacional, que seguem um padrão: as que se encontram dentro da área histórica, correspondente à área dentro da Muralha Fernandina e na área imediatamente adjacente aos Guindais, caracterizadas por serem parcelas de preenchimento total, de matriz medieval com um padrão mais irregular; e as exteriores à muralha, que vieram preencher as zonas mais próximas aos novos arruamentos, criados a partir da expansão da cidade, no alinhamento Poente/Nascente, e que se caracterizam pelo preenchimento parcial da parcela e onde se pode observar um padrão regular (Barata, 1999).

Na área histórica, e aquando da primeira expansão Norte/Sul (Escadas dos Guindais), podem ser observadas parcelas com frentes estreitas/ muito estreitas, em que a largura da frente varia entre três e seis metros, e a profundidade varia entre vinte e trinta metros ou entre dez e quinze metros. É de salientar que estas medidas são exemplificativas e não valores exatamente reais, mas ainda assim ilustram um parcelamento com um certo rigor a nível da geometria. Assim, podemos considerar que estas parcelas apresentam dimensões padronizadas, ainda que apresentando uma considerável variação pela adaptação ao relevo e à rede viária. Estas parcelas apresentam um “*dimensionamento, traçado e articulação*” com as ruas e com o relevo onde estão inseridas, correspondentes ao “*modelo orgânico da cidade medieval, não planeada urbanisticamente*” (Barata, 1999, p.120).

No século XIX, com a expansão Poente/Nascente, dominava um modelo de parcelamento que, para além de se relacionar diretamente com o relevo e com a rede viária, apresenta um padrão regular mais geométrico do que o medieval. Estas parcelas exibem uma

profundidade e uma largura maior, deixando de ser uma parcela de preenchimento total, onde é possível se observar edifícios de duas frentes (Barata, 1999). Como exemplo deste tipo de parcelas temos as parcelas correspondentes à Rua de Alexandre Herculano e às ruas adjacentes, que seguem o mesmo princípio, e onde se podem observar parcelas divididas perfeitamente. As parcelas em frente ao bairro Herculano são as que melhor caracterizam este tipo de parcelas regulares visto que, como a Rua Alexandre Herculano foi planeada, também as suas parcelas apresentam um planeamento no que diz respeito à sua divisão.

Parcelas excecionais

A análise realizada a estas parcelas de maior dimensão, com formas variáveis, que não se agrupam num padrão de parcelas, permitiu a identificação de dois tipos: as parcelas correspondentes a “ilhas” e as parcelas correspondentes aos edifícios especiais.

As ilhas, construídas entre os séculos XIX e XX, foram essencialmente realizadas nos fundos de parcelas dos edifícios burgueses, que se localizavam à face da rua. Estas foram realizadas para que fosse possível a construção de habitação para a classe trabalhadora. (Oliveira, 2016). Na área em estudo, destaca-se uma ilha na parcela correspondente ao Bairro Alexandre Herculano, ainda que numa parcela de grande dimensão, no interior do quarteirão, e não numa parcela tipicamente burguesa do Porto.

“Bairro Herculano, um Bairro na freguesia da Sé, na cidade do Porto. Um bairro com 130 anos de história. Um bairro realçado pela sua enorme vivência, escondido dos olhares, no interior de um quarteirão. Estagnado numa linha contínua de degradação, ao mesmo tempo que fortalece o enredo de ligações de vizinhança, o bairro devido às fracas conexões à malha urbana e, de igual forma, à parca manutenção dos seus próprios espaços comuns encontra-se oculto à cidade e desvanecido no vector temporal.” (Magalhães, 2017, p.9)

A parcela correspondente ao Bairro Alexandre Herculano, de grandes dimensões, permitiu a construção de um complexo de habitação de classe trabalhadora, onde é apresentada uma estrutura de ruas e habitações com um padrão regular. Esta é considerada uma parcela de ilha, ainda que com características muito particulares. Atualmente, a estrutura de ruas está inserida na malha urbana. Quando da construção do bairro, este se encontrava com portões a fechar as suas entradas, algo que não é observado atualmente, permitindo assim a conexão do bairro com a cidade. Atualmente, com a venda das

habitações do bairro, esta parcela única e de grandes dimensões, passou a ser dividida em parcelas pequenas e regulares.

Podem ainda observar-se outras parcelas de ilhas a nascente da escarpa das Fontainhas, que se integram na topografia da escarpa, e que se consideram importantes para a caracterização da área de estudo.

Já as parcelas dos edifícios especiais, na sua totalidade são parcelas de grandes dimensões, podendo atingir até 165 metros de comprimento, não sendo possível encontrar uma parcela igual à outra. Nestas parcelas encontram-se quase sempre edifícios de usos especiais, ou atividades específicas como o Terminal das Camélias. Sublinha-se ainda que, estes tipos de parcelas excecionais estão muitas vezes agrupadas junto aos pontos de convergência definidos anteriormente (Figura 4). Assim, é possível observar que estas assumem um papel importante na malha urbana, contribuindo para definir zonas de maior concentração de pessoas e possíveis percursos turísticos da zona.

2.1.3 Edifícios

Neste ponto pretende-se analisar os edifícios, olhando para o tipo e fazendo a distinção entre edifícios comuns (habitação) e especiais (edifícios contendo funções especializadas), assinalados na Figura 6 com as cores vermelho e cinza, respetivamente. É ainda analisado o número de pisos (Figura 7).

Edifícios comuns

No que diz respeito aos edifícios comuns (Figura 6), na área em estudo observa-se, maioritariamente, a existência de dois tipos: casas populares e casas burguesas. Estas habitações são datadas de entre finais do século XVII e a mudança do século XIX para o XX (Barata, 1999).

O tipo popular pode ser classificado, a nível tipológico, como pertencente às *tabernae romanas*, tendo estas um grande desenvolvimento a partir do século XVIII. Inicialmente é possível observar este tipo na área histórica sendo que, para lá da Muralha Fernandina, também se pode observar nas áreas da Escarpa dos Guindais, visto ter sido a primeira área de expansão para fora da muralha e ainda devido à topografia que se assemelha à da área histórica (Barata, 1999). É de salientar que são edifícios que se localizam à face da rua e formam uma frente urbana contínua. No que diz respeito à organização interior, caracterizam-se pela ocupação total da parcela, não possuindo logradouro e apresentando apenas uma frente que abre diretamente para a rua. A distribuição interna dos edifícios depende da posição das escadas, uma vez que estas podem ser posteriores, centrais ou na frente e traseiras dos edifícios (Barata, 1999).

O tipo burguês caracteriza-se por ser maioritariamente habitação unifamiliar do Porto Liberal e foi erguida até aos primeiros anos do século XX. Este tipo prevê a construção em série e o agrupamento em banda, caracterizando-se por possuir uma matriz de organização interna onde é essencial o número de frentes (normalmente duas), a presença de logradouro, as dimensões, a localização e o tipo de acessos. A casa burguesa do Porto pode-se observar, por exemplo, nos edifícios da Rua de Alexandre Herculano e nos edifícios nas áreas adjacentes (Barata, 1999).

Ambos os tipos, maioritariamente unifamiliares, também podem ser plurifamiliares. Os edifícios plurifamiliares da área de expansão, distinguem-se dos restantes encontrados na área histórica e na área da escarpa por apresentarem um saguão ou por terem uma associação lateral à parcela (Barata, 1999).

É possível ainda observar uma situação comum em ambos os casos, dentro e fora da muralha, onde o piso do rés-do-chão se destina tanto ao comércio, como a oficinas ou a garagens. Esta situação está muito presente na Rua de Alexandre Herculano e nos arruamentos vizinhos.

Edifícios especiais

A observação deste tipo de edifícios (Figura 6) foi realizada com o intuito de perceber como um edifício especial pode criar (ou não) um espaço de uso público. Como tal, foi estudada a ocupação total ou parcial da parcela, e o posicionamento do edifício na parcela. Foram identificados dois tipos: edifícios que se relacionam com a rua ou delimitam praças estando à face da parcela; e edifícios que criam espaços públicos, mas que não se encontram à face da parcela.

Foi possível identificar que a Universidade Lusófona do Porto e o Convento de Santa Clara, são edifícios que se encontram na face da parcela e estão diretamente ligados a uma rua ou a uma praça. Adicionalmente, são edifícios que criam um pátio interno de uso público ou coletivo.

Podemos observar que o caso da Antiga Real Casa Pia do Porto, o Centro de Saúde Bonfim/Batalha-Unidade Batalha, o Teatro Nacional S. João e o Hospital do Terço são edifícios que se encontram ligados a uma ou duas ruas ou a uma praça e que ocupam a totalidade da parcela, não criando espaços de uso público internos como pátios.

Os restantes dois edifícios especiais, o Pavilhão do Vasco da Gama e o antigo Matadouro, são considerados como casos atípicos. O Pavilhão por estar localizado no interior do quarteirão, e por não ocupar a totalidade da parcela, dedicando o seu restante espaço para área de estacionamento. O Matadouro por não estar diretamente relacionado a nenhuma rua ou praça, estando no interior da parcela, delimitada por um muro. É de salientar que este último edifício, atualmente, encontra-se em desuso.

Podemos presumir que o elevado tráfego e o aglomerado de pessoas no *ponto de convergência A*, pode estar relacionado com o posicionamento de vários edifícios especiais nas proximidades.

Número de pisos

A observação feita ao número de pisos dos edifícios da área em estudo (Figura 7), teve como objetivo perceber quais as possíveis diferenças encontradas no desenvolvimento desta parte da cidade.

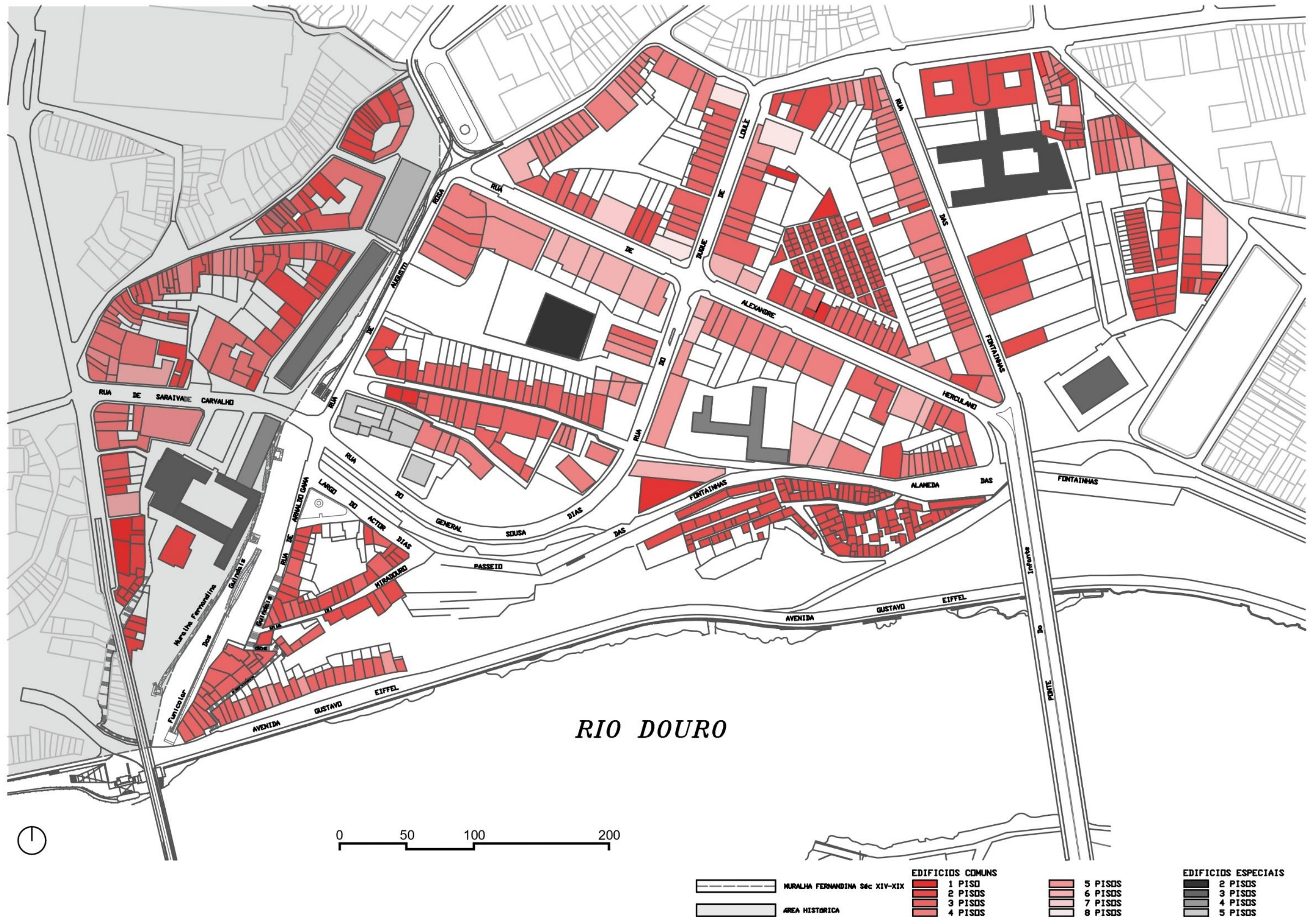
No que diz respeito à análise do edificado encontrado dentro da área correspondente ao limite original da Muralha Fernandina (representada pela cor cinza-claro), é possível observar-se que os edifícios comuns variam entre dois e cinco pisos, podendo ter edifícios com seis pisos (que se podem considerar uma exceção). Não se encontra uma sequência clara na definição das alturas, causada pela adaptação destes edifícios à topografia.

Fora da Muralha, para Norte do Passeio das Fontainhas, nos edifícios pertencentes à Rua Alexandre Herculano e arredores, é possível observar um aumento do número de pisos, até oito pisos. Nestas ruas é notório um número constante de pisos nos diferentes edifícios, devido ao planeamento que esta zona da cidade teve no final do século XIX, conforme referido anteriormente. Nesta área, como identificado no estudo das parcelas, podemos encontrar uma zona de exceção: a área pertencente ao Bairro Herculano, que se caracteriza por ser uma zona de ilha, em que a altura média das casas é de dois pisos.

Fora da Muralha, para sul do Passeio das Fontainhas, na área correspondente à escarpa dos Fontainhas, é de notar duas variações do número de pisos dos edifícios comuns. Os que se localizam à esquerda, nos Guindais, Escadas dos Guindais e Codeçal, apresentam entre dois e cinco pisos, características idênticas aos encontrados na área histórica. Os encontrados à direita exibem entre dois e três pisos, sendo que esta zona corresponde a uma zona de ilhas. Esta variação do número de pisos acontece devido às topografias encontradas onde na área à esquerda pode-se ver edifícios de maior escala para compensar a diferença de cotas na direção Norte/Sul na zona dos Guindais, com as Escadas dos Guindais e do Codeçal.

Em relação aos edifícios especiais, é possível notar que estes têm entre dois e cinco pisos em média, sendo que o pé direito dos vários edifícios varia, consoante a sua função, podendo ter dois edifícios especiais com o mesmo número de pisos, mas com alturas diferentes.

FIGURA 7 – EDIFÍCIOS: NÚMERO DE PISOS



2.2 Análise Crítica

Esta secção apresenta uma análise baseada na experiência e na vivência do local, por parte do autor, realizada como forma de complemento da análise anterior.

Executada com o auxílio de observações escritas, fotografias e desenhos, pretende compreender a relação entre a forma física analisada anteriormente e a vivência social, a relação das pessoas com a cidade. Procurou-se expressar o sentimento de vivenciar este lugar, o que transmite a quem o percorre ou usufrui dele. O objetivo é identificar possíveis problemas na área de Projeto V, que poderão ser objeto de estudo no desenvolvimento do Projeto V.

É pretendido ainda observar de um modo mais pessoal e particular, focado na envolvente próxima da área de intervenção, as características físicas já identificadas na análise anterior, de modo a informar o Projeto V.

Para a realização desta análise foram definidos três percursos (Figura 8). Em cada percurso serão abordados alguns pontos que ajudam a caraterizar a visão pessoal do autor, respondendo aos pontos anteriormente mencionados.

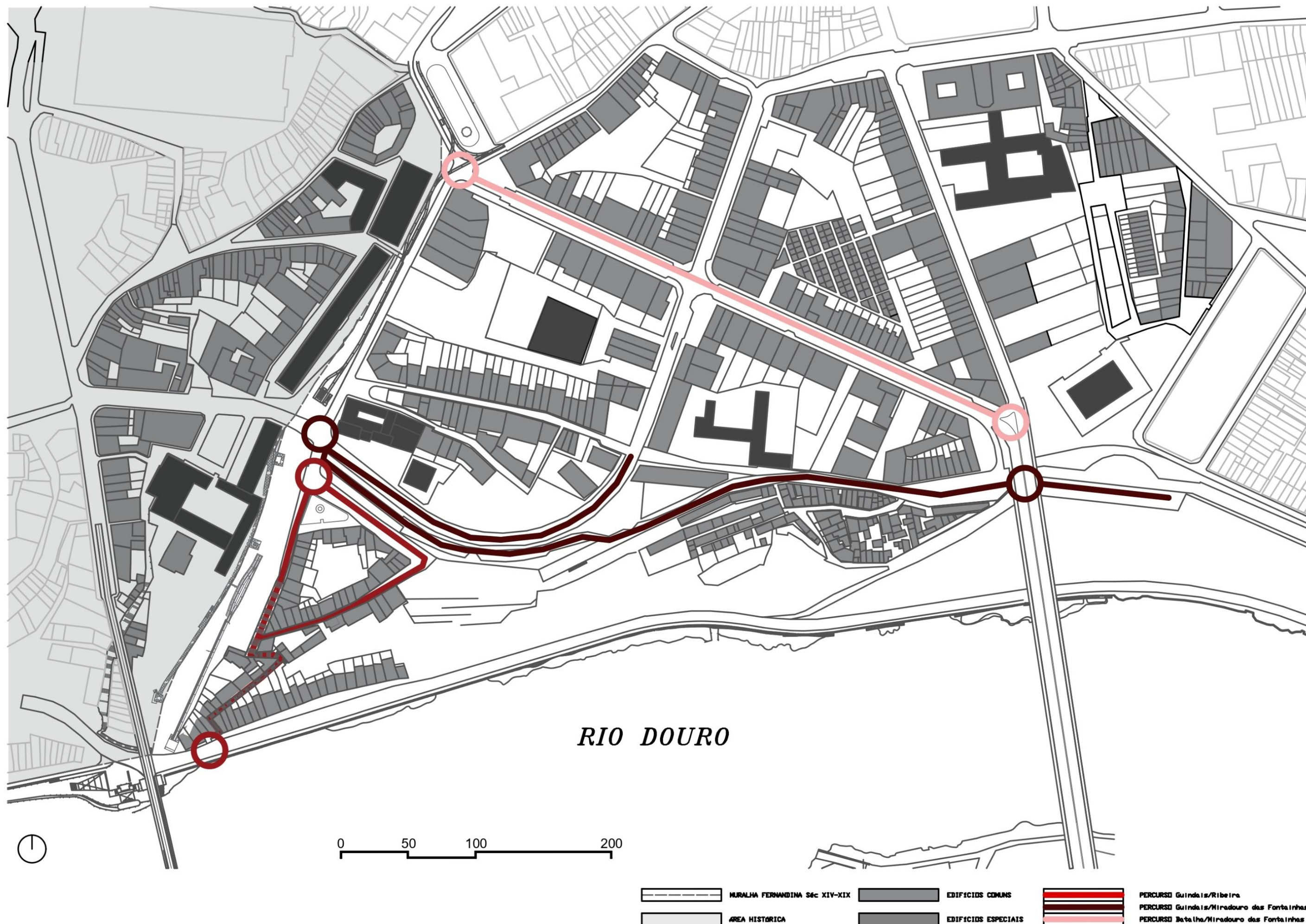
Os três percursos analisados são:

O percurso Guindais / Ribeira, que remete para a *direção estruturante* Norte/Sul e para o início da *direção estruturante* Poente/Nascente; e permite observar em detalhe a zona do Largo Actor Dias e da Rua do Miradouro, que fazem uma ligação direta à área a projetar, definindo o *ponto de convergência* B (Subsecção Ruas e espaços públicos, Figura 4).

O percurso Guindais / Miradouro das Fontainhas, corresponde à extensão da cidade Poente/Nascente onde se encontra o percurso aresta da cidade, o Passeio das Fontainhas. Este percurso faz a ligação entre os *pontos de convergência* A e C (Figura 4). É ainda notória a presença das duas intervenções que vieram a descaraterizar a cidade nos seus locais de implantação, o Viaduto Duque de Loulé e a Ponte do Infante.

O percurso Batalha / Miradouro das Fontainhas, corresponde à Rua Alexandre Herculano, também abordada na análise anterior e considerada importante para a estrutura urbana. Esta rua caracteriza os novos arruamentos pensados e projetados no final do século XIX, na continuidade da expansão da cidade para nascente.

FIGURA 8 – PERCURSOS



O percurso *Guindais / Ribeira*, é um percurso desde a cota mais alta à cota mais baixa da cidade e nele foi possível observar mais detalhadamente a vivência desta área da cidade, que tem extrema importância, dada a sua proximidade à área de Projeto V. Ao percorrer esta área, é notória a aglomeração da população junto ao *ponto de convergência A* (Figura 4), sendo que o caminho escolhido pela população ao percorrer esta zona é sempre através da Rua Arnaldo Gama, seguindo pelas Escadas dos Guindais até à Avenida Gustavo Eiffel, junto ao Rio Douro.

Esta opção de percurso pode estar relacionada com o facto da ligação entre o Largo Actor Dias e a Rua do Miradouro ser uma área que não apresenta uma sensação de segurança pelo facto de estar entre dois muros (um a norte e outro a nascente que interrompe o percurso para o Passeio das Fontainhas) e uma fachada pouco ativa ³no que diz respeito ao seu uso. A Rua do Miradouro é uma rua exclusivamente residencial, e embora inclua um ponto com forte potencial de uso público, um miradouro, este encontra-se descaracterizado e encerrado ao público.

Ao percorrer as Escadas dos Guindais, também é perceptível a inexistência de fachadas ativas em relação ao seu uso, quase exclusivamente residencial, contudo devido à grande quantidade de aberturas (portas e janelas), e a ser uma área mais utilizada, não se sente insegurança.

Ao chegar à Avenida Gustavo Eiffel volta-se a observar uma aglomeração populacional, que muitas vezes opta por executar o percurso Norte/Sul pelo Funicular dos Guindais. Este percurso permite uma visão mais ampla de Gaia, do Rio Douro e da Ponte d. Luiz I, que não é sentida ao percorrer as escadas dos Guindais. É ainda de reparar na liberdade e na tranquilidade sentida ao chegar à avenida devido à presença do rio e de uma visão mais horizontal.

Algo que também é perceptível ao percorrer este percurso, e que difere dos dois percursos seguintes, é a quase inexistência de espaços de usos mistos. Esta é uma zona maioritariamente de uso residencial. Com exceção de dois cafés no início das Escadas

³ fachadas ativas (a fronteira de um edifício ou espaço que possui janelas e portas em oposição a paredes cegas, muros ou garagens – ODPM, 2004) - Montgomery, 1998; Jacob 1961

dos Guindais, só na Avenida Gustavo Eiffel é que se encontra espaços mistos, o que leva a que esta área tenha uma maior utilização.

A nível da proporção entre a altura dos edifícios e a largura da rua é possível observar uma relação de 2:1 ou 1:1 uma vez que a largura das ruas difere. Esta proporção transmite um conforto ao pedestre, uma vez que tudo se encontra à escala humana. A nível da sombra não se sente nenhum desconforto. Ainda assim, na Rua do Miradouro podemos observar que durante grande parte do dia se encontra em sombra, devido à relação da altura dos edifícios com a largura da rua.

De que forma se poderia voltar a trazer vida para o Largo Actor Dias e para a Rua do Miradouro? Uma possível resposta a esta questão passaria pela reposição da ligação entre o Largo e o Passeio das Fontainhas, eventualmente promovendo neste ponto uma nova ligação à marginal do Rio Douro. A reabertura do miradouro na Rua do Miradouro, permitiria devolver à cidade um espaço público que antigamente permitia deslumbrar Gaia assim como a escarpa das Fontainhas desde a cota alta da cidade.

Percurso Guindais/Ribeira

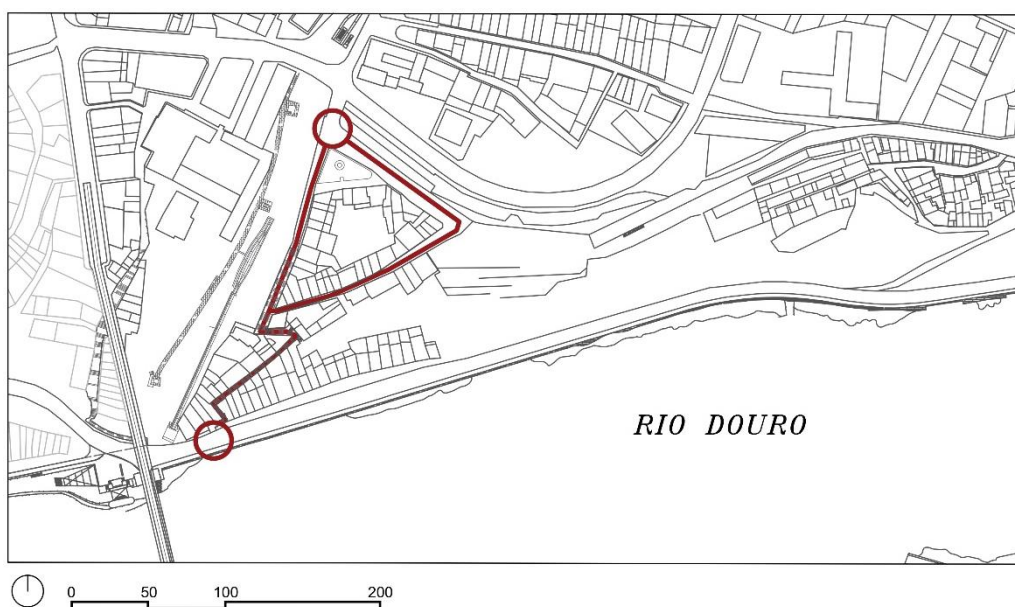


Figura 9 - Mapa Percurso Guindais/Ribeira



Figura 10 –Início do percurso

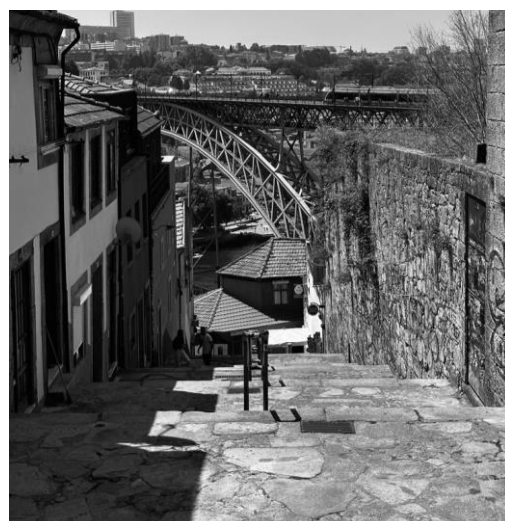


Figura 11 - Início das Escadas dos Guindais



Figura 12 - Vista do Largo Actor Dias/ Terreno de Projeto V



Figura 13 - Vista do Largo Actor Dias

Percurso Guindais / Miradouro das Fontainhas

O percurso Guindais / Miradouro das Fontainhas, corresponde ao percurso da expansão da cidade para nascente, relacionando a zona do Viaduto Duque de Loulé, que delimita o terreno de Projeto V a norte, e o Miradouro das Fontainhas, um espaço público estrutural na expansão da cidade.

Ao percorrer a área correspondente ao viaduto, foi notória a ausência de pessoas devido a esta ser uma área descaracterizada da cidade, servindo apenas para a trânsito automóvel. Nesta zona é perceptível a falta de planeamento, sendo uma área desqualificada do ponto de vista da forma urbana e que não tem qualquer interesse como espaço de uso público. Na área por baixo do viaduto é possível sentir-se o mesmo, uma área não pensada para as pessoas, deixada ao abandono, que acabou por definir-se como área de estacionamento. Sente-se que a sua acessibilidade não é clara e, mais uma vez, é notório que aquele espaço não teve a devida atenção, dado que o seu acesso é feito por uma entrada que fica entre o viaduto e o Largo Actor Dias.

No decorrer de todo o percurso observou-se a ausência de pessoas, não por falta de usos mistos, pois foi possível observar zonas de comércio e habitação, mas sim por uma falta de segurança que se fazia sentir.

Enquanto se percorria a zona do Passeio das Fontainhas, esteve sempre presente a sensação de que esta zona, apesar de ser uma área ótima para um passeio, foi deixada ao abandono. Notou-se certas áreas onde o lixo e o cheiro do mesmo se faziam sentir de tal modo que incitava a andar o mais rápido possível, e a não aproveitar a visão do Rio Douro e de Gaia que o percurso permite.

Ao chegar à zona correspondente à Ponte do Infante, foi possível notar uma vez mais a descaracterização desta área, e a falta de segurança. Apesar de ser uma área mais pensada para as pessoas e ser mais movimentada devido à presença do Miradouro das Fontainhas, não deixa de carecer de cuidados tanto a nível de acessos como de limpeza. Sendo de salientar o impacto da Ponte do Infante, que veio a prejudicar a visão que a antiga Alameda das Fontainhas fornecia.

De que forma se poderia melhorar a vivência deste local? A primeira resposta, foi já avançada no percurso anterior, e surge da possibilidade de voltar a ligar o Passeio das Fontainhas ao Largo Actor Dias, permitindo a transição não só de pessoas, mas também

de automóveis. Adicionalmente, a construção de um novo edifício nesta frente urbana, como proposto em Projeto V, deverá ser abordada como uma oportunidade de reestruturação urbana do Passeio das Fontainhas. Consequentemente, com o tratamento do espaço urbano e com o aumento da utilização desta área, o espaço público seria mais atrativo e a sensação de insegurança iria diminuir.

Percurso Guindais/ Miradouro das Fontainhas

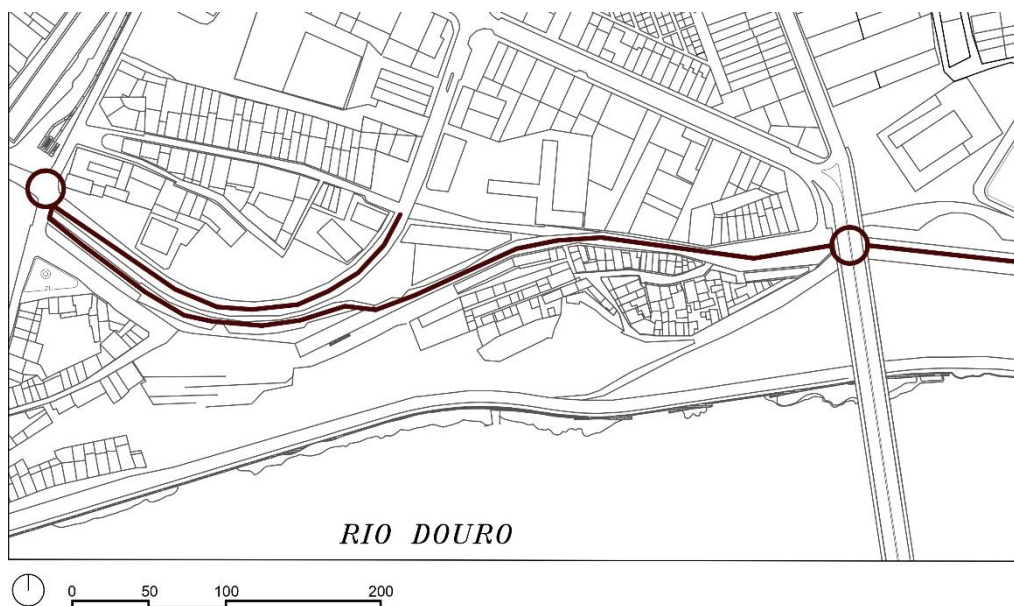


Figura 14 - Mapa Percurso Guindais/ Miradouro Das Fontainhas



Figura 15 - Vista Viaduto

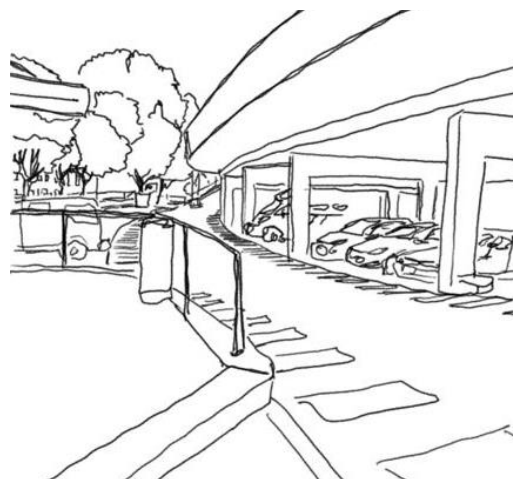


Figura 16 - Estacionamento sobre o Viaduto



Figura 17 - Passeio das Fontainhas



Figura 18 - Vista Ponte do Infante

Percurso Batalha / Miradouro das Fontainhas

O percurso Batalha/ Miradouro das Fontainhas, corresponde à Rua Alexandre Herculano e este foi percorrido principalmente com o intuito de observar a modelação das parcelas e as fachadas dos edifícios existentes nesta zona. Contudo, o primeiro impacto ao chegar ao local é a diferença de escala comparativamente com os dois outros percursos. Foi possível observar edifícios com alturas entre cinco e seis pisos. A nível da proporção entre a altura dos edifícios e da largura da rua observou-se uma relação de 1:1.

Ao percorrer esta área sentiu-se uma sensação de segurança transmitida em grande parte pelo grande movimento populacional e automóvel. Este aumento populacional deve-se em parte aos usos mistos encontrados nesta área, composta por edifícios com fachadas ativas e permeáveis, que favorecem a relação com a rua e potenciam o seu uso público.

Relativamente à modelação que se pretendia observar, foi notável a clareza da divisão das várias parcelas pelas fachadas dos respetivos edifícios. Além do padrão regular de parcelas, algo que chamou a atenção foi o desenho presente nas fachadas. Apesar de parecer diferente de fachada para fachada, seguia uma coerência onde foi possível observar a sequência de varandas com janelas de grandes dimensões, desde o segundo piso. O piso térreo, podendo ter comércio ou outros usos, apresenta uma maior diversidade, sem uma sequência tão coerente.

As fachadas encontradas são maioritariamente ativas, no que se refere à diversidade de usos, à presença constante de um grande número de portas e janelas, e ainda à variedade de relevo e de profundidade da superfície das fachadas, acentuada com a elevada quantidade de materiais e de detalhe que estes apresentam.

Que conclusões foram tiradas com este percurso quando comparado com os outros? A principal conclusão retirada é que as fachadas e a forma como estas são tratadas ajudam, não só na definição do espaço urbano, mas também na vivência desta zona. Havendo uma zona de usos mistos e fachadas ativas é possível observar um maior número de população nesta área, transmitindo uma maior sensação de segurança e tornando a área mais atrativa.

Percurso Batalha/ Miradouro das Fontainhas



Figura 19 - Mapa Percurso Batalha/ Miradouro das Fontainhas



Figura 20 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para a Batalha



Figura 21 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para o Miradouro das Fontainhas



Figura 22 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para a Batalha



Figura 23 - Rua Alexandre Herculano/ Vista para o Miradouro das Fontainhas

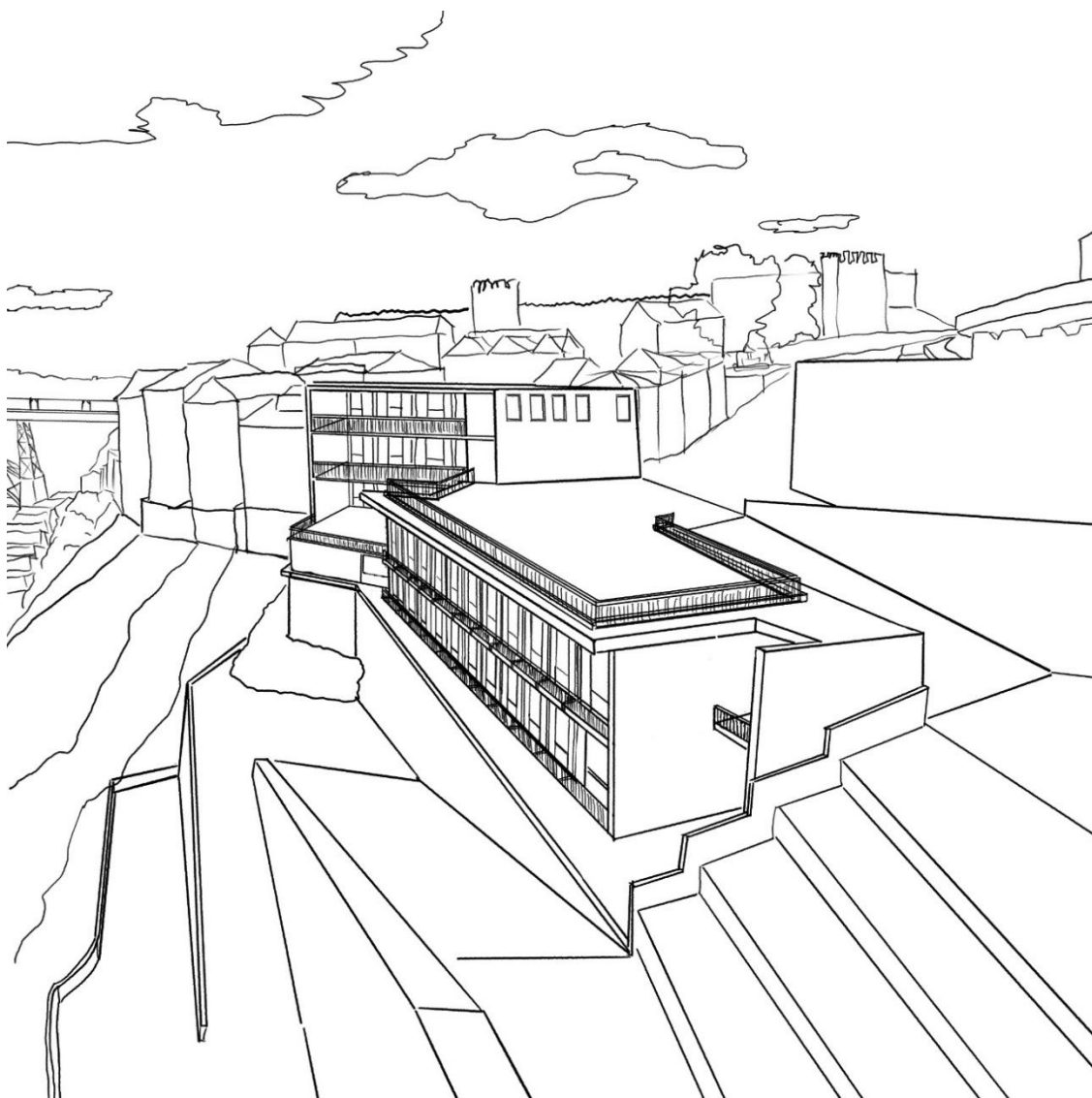


Figura 24 –Proposta Projeto V

Capítulo III– Do Lugar ao Projeto

O presente capítulo faz a ligação entre o estudado nas análises anteriores e o Projeto V. Como tal, é apresentada a proposta desenvolvida em Projeto V, seguindo a mesma grelha de análise do capítulo anterior. São assim abordados os três elementos de forma urbana, ruas e espaços públicos, parcelas e edifícios, de modo a compreender as ligações feitas entre o *Lugar* (Capítulo II) e o Projeto V. Com base nesta análise será possível refletir sobre o modo como o projeto desenvolvido interpreta o lugar e, simultaneamente, constrói um novo lugar.

3.1 Projeto – Residência de Estudantes na Escarpa das Fontainhas

Antes de se passar à análise dos tópicos e explicação do projeto, é importante referir o programa proposto para Projeto V. O programa define uma Residência de Estudantes para a Escarpa das Fontainhas, e inclui quartos para quarenta e oito alunos. O programa é composto por dois conjuntos de espaços principais, o núcleo de zonas comuns que contém o átrio e a entrada, as áreas administrativas, a sala de convívio, o bufete e a zona de lavandarias; e o núcleo privado, que corresponde à área de quartos. O programa conta ainda com um conjunto de áreas técnicas que, juntamente com os espaços mencionados, somam um total de 1.500 metros quadrados de área bruta.

Dependências	Unidades	Áreas/m2	Áreas totais
Átrio	1	30	30
Portaria	1	10	10
Sanitários comuns	1	20	20
Sala de espera	1	15	15
Sala de reuniões	1	20	20
Gabinete de Administração	1	20	20
Gabinete médico	1	20	20
Sala de convívio	1	120	120
Sala de refeições com balcão de apoio	6	16	96
Bufete	1	40	40
Despensa	1	20	20
Armazém gera	1	20	20
Lavandaria	1	25	25
Área de tratamento de roupas	1	20	20
Sala de trabalho	6	18	108
Quartos duplos	20	18	360
Quartos simples	8	15	120
Áreas técnicas	1	100	100
Área Bruta Total/m2 inclui aprox. 25% de circulações e paredes			1500

Figura 25 – Tabela Programa Projeto V

Ruas e espaços públicos

Este tópico seria, possivelmente o tópico mais fácil de ser abordado, contudo este conta com um enorme peso na criação do projeto, visto que, nas análises do capítulo anterior se conseguiram identificar várias condicionantes da área. Condicionantes estas, que foram um ponto de partida fundamental e que se tentaram resolver antes mesmo de se pensar na implantação e na volumetria do edifício.

Iniciou-se o processo projetual com a união do Largo Actor Dias ao Passeio das Fontainhas (Figura 26). A execução desta ligação foi efetuada com o intuito, não só de trazer de volta o que se perdeu com os desabamentos da escarpa, repondo a *direção* Poente /Nascente, como uma direção estruturante para esta zona da cidade; mas também de voltar a criar um espaço para a cidade e para as pessoas que a vivem, um espaço de uso pedestre e automóvel que recuperasse a vivência daquela zona. Na recuperação desta ligação, deu-se seguimento à linha de árvores existente e prolongou-se o passeio pedonal existente no Passeio das Fontainhas, observável na figura 17 do *percurso Guindais/ Miradouro das Fontainhas*. A manutenção do caráter de espaço público e de miradouro do Passeio das Fontainhas foi um aspeto considerado fundamental para as decisões do projeto. Conforme será abordado mais à frente, a implantação do Projeto V, procura reforçar e potenciar o caráter do Passeio, prolongando o espaço público de miradouro para a cobertura do edifício.

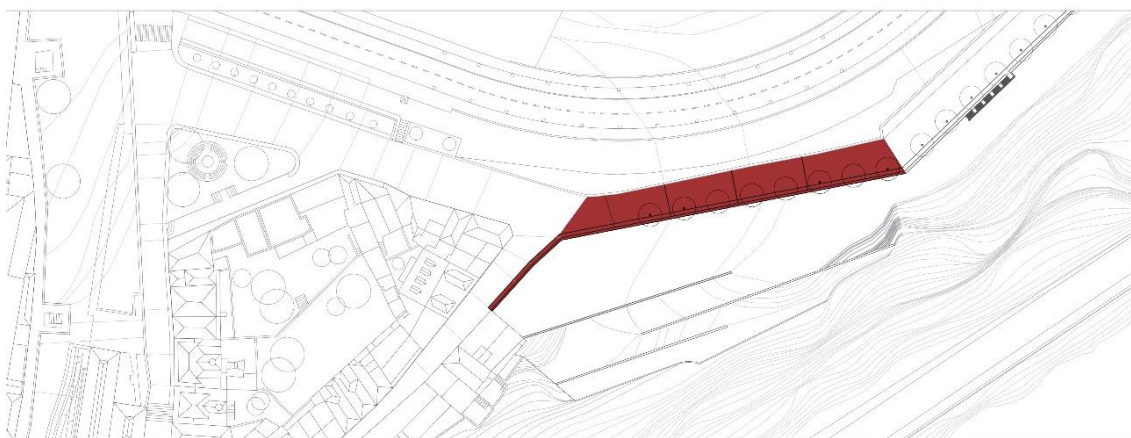


Figura 26 – União Largo Actor Dias Ao Passeio Das Fontainhas

De seguida, teve-se em consideração um dos principais aspetos que caracterizam o lugar a intervir, a topografia do terreno, que terá também um grande peso na concessão do edifício da residência de estudantes. O facto do terreno se encontrar numa escarpa, e desta se desenvolver desde a cota mais baixa, a Avenida Gustavo Eiffel, à cota mais alta, entre o Largo Actor Dias e o Passeio das Fontainhas, conduziu ao desenho de um percurso

público (Figura 27). Este percurso aproveita o desnível natural do terreno, criando, não só uma novo percurso Norte/Sul, de elevado valor dada a importância desta direção estruturante, conforme analisado no capítulo anterior; mas também uma área de uso público que contribua para a reestruturação urbana e que se constitua como um espaço verde, de lazer e contemplação da paisagem.

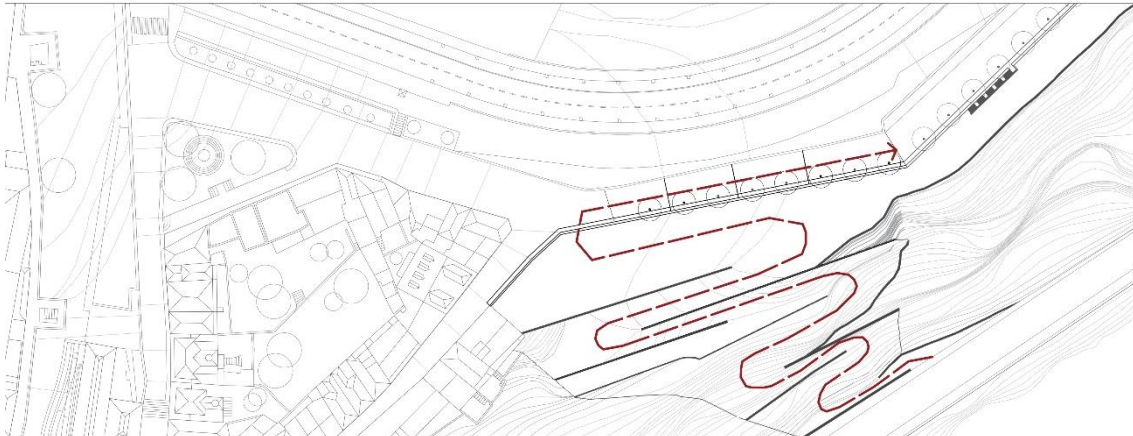


Figura 27 – Percurso Norte/Sul

Parcelas

A área assinalada na Figura 3 (Área selecionada para Projeto V) é a área correspondente à parcela da residência de estudantes. Foi considerado que esta se encontra dentro do grupo das *parcelas excepcionais*, analisadas no capítulo anterior, devido ao seu dimensionamento e forma. Dentro destas, a parcela de Projeto V é uma parcela correspondente a um edifício especial, ou seja, um edifício de uso distinto da habitação (ainda que partilhe um certo caráter habitacional).

Como observado anteriormente, este tipo de parcelas, tende a assumir um papel importante na malha urbana, contribuindo para definir zonas de maior concentração de pessoas e possíveis percursos para locais e turistas. Este foi um aspeto considerado fundamental para a implantação do edifício e dos acessos aos espaços de uso público, nomeadamente o novo percurso Norte / Sul e o miradouro da cobertura. À semelhança das outras parcelas correspondentes a edifícios especiais da área de estudo, a parcela de Projeto V localiza-se num ponto de convergência, ou seja, num ponto de intersecção historicamente importante para a cidade (*ponto de convergência B*). Sendo assim, o potencial de atratividade de pessoas para este ponto foi também um aspeto fundamental tido em conta nas opções de projeto.

Assim, em conta a forma, dimensão e topografia da parcela, assim como o seu uso e posição na malha urbana, as opções de projeto seguiram vários pontos. O primeiro estava

relacionado com o facto do programa se encontrar dividido em dois núcleos, um de uso coletivo e outro de uso privado. A ideia foi criar um edifício que apesar de se encontrar ligado, fazia claramente a distinção entre zona coletiva e zona privada (Figura 28). Pensou-se desde cedo na opção de criar um edifício que na zona comum fosse mais alto e curto, e na parte mais privada fosse mais baixo e comprido, compondo assim uma fileira de quartos. Tendo em conta esta opção, o desafio foi determinar um local na parcela que permitisse a realização do mencionado, de modo integrado na malha urbana e contribuindo para a definição e caracterização do espaço público. Depois de várias tentativas, considerou-se que o volume das zonas comuns, uma vez mais alto, se deveria localizar no limite da frente da parcela que define a Rua do Miradouro. Este volume constrói a frente da rua e relaciona-se com os edifícios adjacentes à parcela, deste modo consolida a malha urbana da Rua do Miradouro e define a viragem para o Passeio das Fontainhas. Aqui, no *ponto de convergência B*, concentra-se o início do percurso público Norte/Sul, o acesso à cobertura do edifício privado, acessível ao público como prolongamento do caráter de miradouro do Passeio das Fontainhas, e ainda a entrada principal da residência de estudantes como veremos mais à frente. Relativamente ao segundo volume, uma vez criado o percurso público Norte/Sul, considerou-se que o melhor seria posicionar a zona mais privada do edifício no alinhamento de um dos muros de suporte do terreno, e assim permitir que este percurso fosse executado pelas traseiras do edifício. Deste modo este volume implanta-se afastado do limite da parcela, de modo a permitir o acesso ao referido percurso e jardim público, e abaixo da cota da rua, de modo a manter, e a prolongar para a cobertura do edifício, o caráter de miradouro do reconstruído Passeio das Fontainhas.

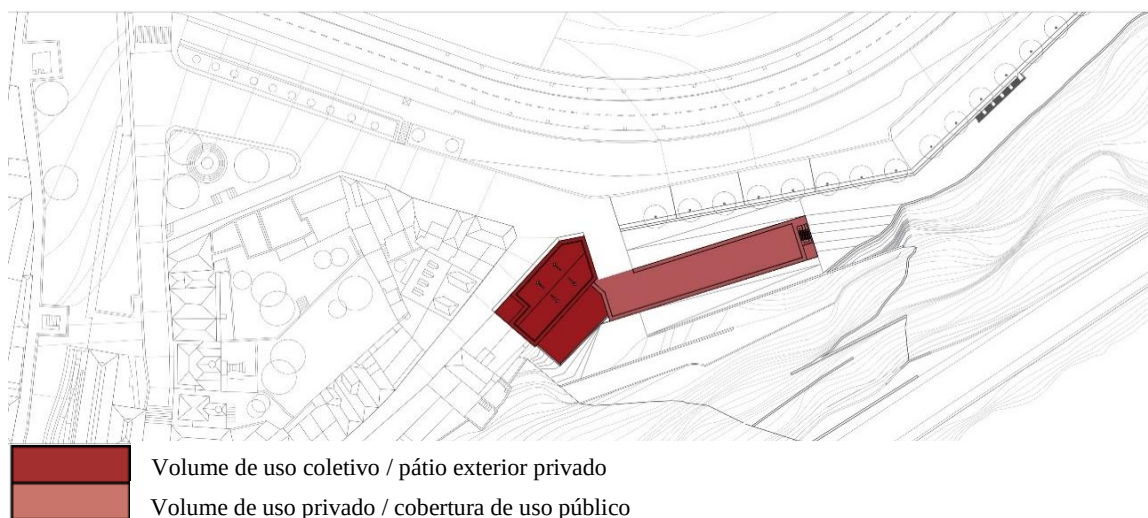


Figura 28 – Implantação

Edifícios

Pelas suas características, a residência de estudantes inclui-se na categoria dos *edifícios especiais*, ainda que partilhe um certo carácter residencial. Conforme visto no capítulo anterior, uma das características fundamentais dos edifícios especiais da área de estudo é o modo como definem espaços de uso público ou coletivo. Analisa-se assim a implantação, volumetria, número de pisos e organização interior do edifício da residência de estudantes tendo em vista a sua inserção na malha urbana e a definição dos espaços de uso público, coletivo e privado.

Como vimos anteriormente, o edifício divide-se em dois blocos, com características distintas, ligados pela zona de circulações. O edifício na sua parte coletiva, segue o alinhamento da Rua do Miradouro, dando continuidade aos edifícios adjacentes, conforme referido acima. Este volume procura relacionar-se com a envolvente construída, tanto em termos de volumetria, como em relação ao número de pisos. Assim, a fachada para a Rua do Miradouro apresenta três pisos e a fachada virada para a escarpa apresenta quatro pisos.

Da interpretação do programa e da análise realizada no capítulo anterior resultou que a entrada principal do edifício fosse feita na interseção entre a Rua do Miradouro, o Largo Actor Dias, e o reconstruído Passeio das Fontainhas, no identificado *ponto de convergência* B. O volume das partes comuns prolonga-se de modo a definir o cunhal das Ruas do Miradouro e o Passeio das Fontainhas, definindo volumetricamente a entrada da Residência de Estudantes. Como vimos, este ponto marca também o início do novo percurso Norte/Sul proposto, de modo a potenciar o seu carácter de atratividade.

Tendo em conta que os dois volumes, o coletivo e o privado, se interseitam também nesse ponto, decidiu-se que a circulação principal do edifício deveria estar localizada nessa zona, constituindo a rótula de distribuição fundamental do edifício (Figura 29). Posteriormente, as restantes circulações (coletivas ou privadas) foram aparecendo conforme as necessidades do programa. Foi ainda criado um segundo acesso pela Rua do Miradouro, dedicado apenas aos funcionários da residência, no final do volume correspondente à área coletiva. Este acesso está também associado a uma caixa de escadas de saída de emergência.

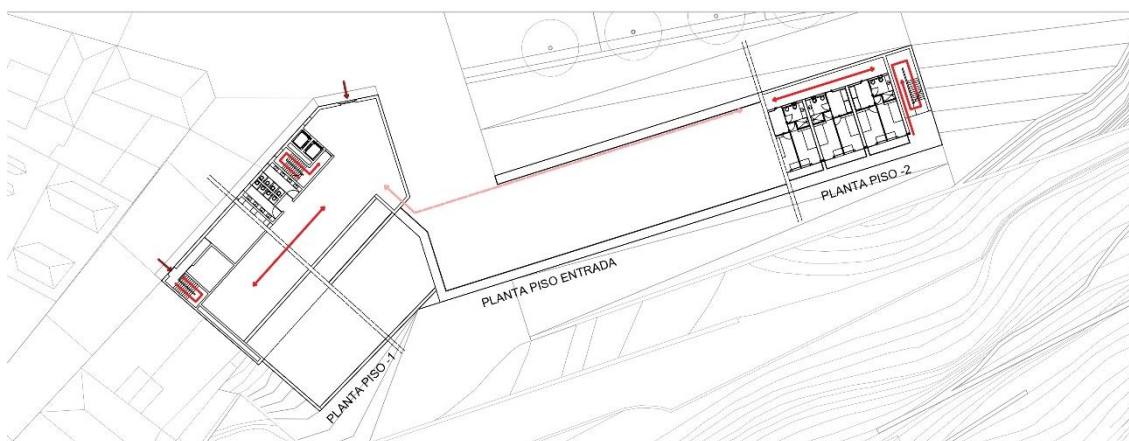


Figura 29 – Circulações

O volume coletivo, além do acesso principal ao edifício, contempla, ainda no piso de entrada, a área de receção, a zona da cozinha e o refeitório. No piso 1 encontra-se a área administrativa, com o gabinete do diretor, a sala de reuniões, a sala médica e ainda uma sala de estudo. Já no piso -1, além da já referida entrada de serviço para a Rua do Miradouro, encontra-se a área dos funcionários e a sala de convívio, com acesso a um pátio exterior de uso privado e vistas para o Rio Douro. O piso -2 corresponde a áreas técnicas e de lavandaria (figuras 30 a 33).

Relativamente ao volume privado, o piso -1 e o piso -2 são idênticos e foram projetados para conterem os quartos dos estudantes (figuras 32 e 33). Este volume é definido em função do módulo do quarto. Os módulos agrupam-se num padrão regular que subdivide e compõe o volume, definindo uma série de quartos que formam um edifício mais horizontal. Este volume desenvolve-se a partir do piso -1, sendo que esta opção de projeto surgiu da tentativa de encontrar a melhor forma de enquadrar o volume privado na escarpa, considerando a sua dimensão condicionada pelo número de quartos do programa. Esta opção veio a solucionar, não só o problema da inserção do edifício na escarpa mas permitiu ainda manter o carácter original do Passeio as Fontainhas, uma vez que se encontra abaixo da cota do Passeio não interrompendo as vistas para o Rio Douro. Esta opção de implantação permitiu ainda a possibilidade de tornar a cobertura do edifício acessível para uso público, com acesso pela cota 65, reforçando o já referido *ponto de convergência* B, e pensada como prolongamento do carácter de miradouro do Passeio das Fontainhas

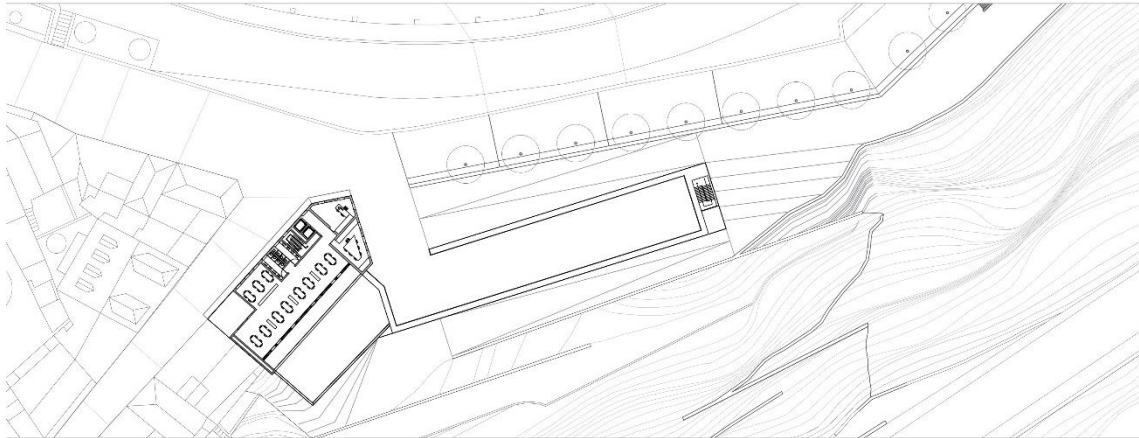


Figura 30 – Planta Piso 1 (cota 68.1)

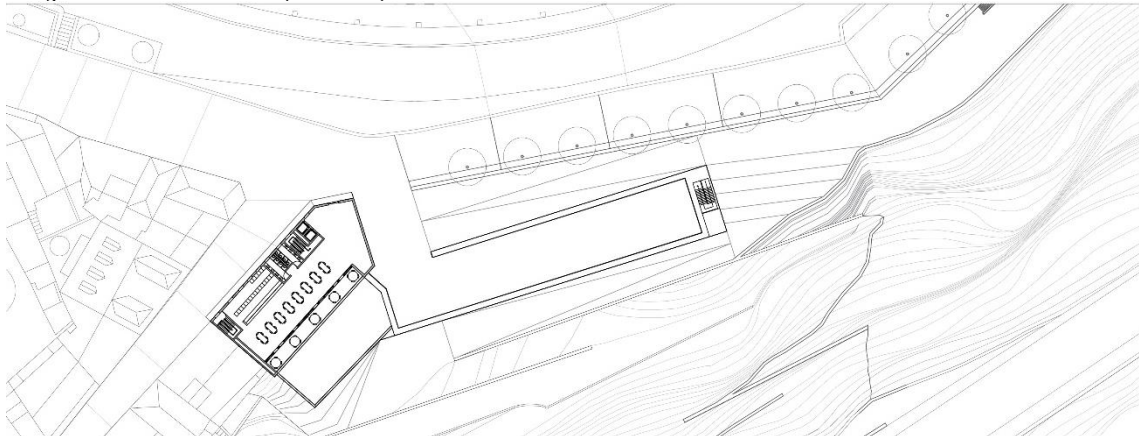


Figura 31 – Planta Piso Entrada (cota 65.15)



Figura 32 – Planta Piso -1 (cota 61.5)

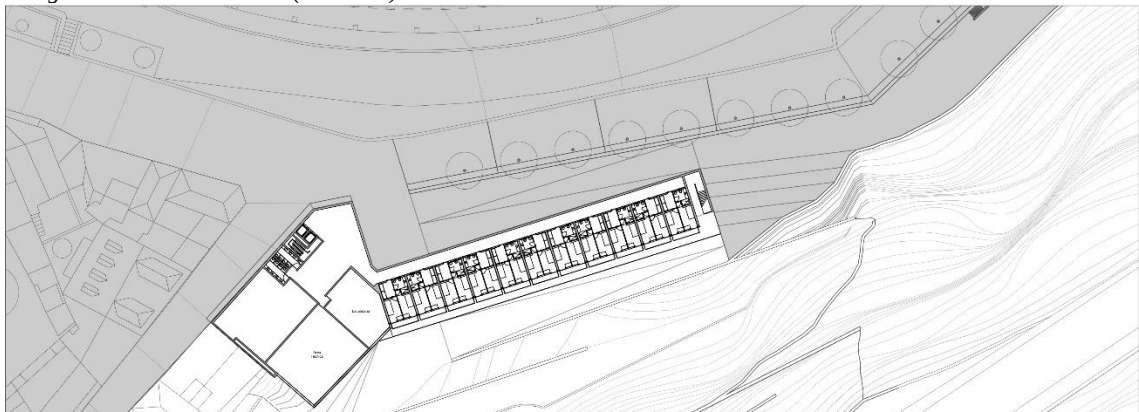


Figura 33 – Planta Piso -2 (cota 58)

Relativamente às fachadas, como foi anteriormente mencionado o bloco coletivo apresenta duas fachadas. A fachada virada para a Rua do Miradouro foi pensada não só para se relacionar com as fachadas encontradas nesta rua, mas também para combater a insegurança que ao percorrer aquela zona se fazia sentir devido às fachadas cegas dos muros. Assim, esta fachada tenta encontrar um equilíbrio entre estes pontos, procurando integra-se com os edifícios envolvente e contribuir para o conforto da Rua do Miradouro, tentando reforçar a sensação de segurança (figuras 36 e 37).

A outra fachada do bloco coletivo, virada para o rio, relaciona-se com o edifício privado, tentando criar homogeneidade com o mesmo. Esta fachada, no volume dos quartos segue e espelha o módulo do quarto, definindo um ritmo constante, de varandas e vãos exteriores, que depois se transpôs para o volume dos espaços comuns. Houve a tentativa de relacionar estas fachadas com as fachadas dos edifícios da Rua Alexandre Herculano. Conforme foi observado na análise anterior, o desenho presente nas fachadas dos edifícios desta rua, apesar de parecer diferente de fachada para fachada, segue uma coerência que dá ao alçado um ritmo uniforme, com varandas e janelas de grandes dimensões (Figuras 11-12). Do mesmo modo, as fachadas mais transparentes da Rua Alexandre Herculano, transmitem a mesma sensação de segurança que era pretendida para quem percorresse o percurso Norte/Sul.

Relativamente ao número de pisos, conforme mencionado é possível observar que o edifício na zona comum apresenta quatro pisos e na zona privada apresenta apenas dois pisos. Algo que pode parecer um pouco contraditório com o observado aquando do estudo do número de pisos no capítulo anterior, onde os edifícios especiais apresentam na sua maioria mais de 4 pisos, evidenciando-se na paisagem urbana. No caso do edifício da Residência de Estudantes, procurou-se a melhor integração do projeto na área, e assim por um lado, no volume coletivo, manteve-se a altura e o número de pisos encontrados nos edifícios adjacentes e, por outro lado, no volume privado, procurou-se reduzir o impacto na escarpa das Fontainhas.

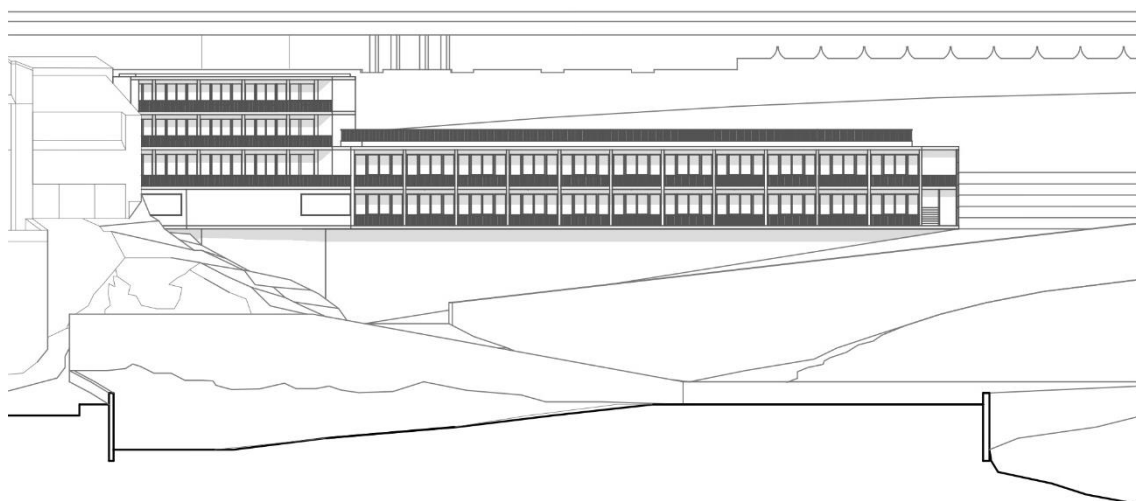


Figura 34 – Fachada virada para o Rio

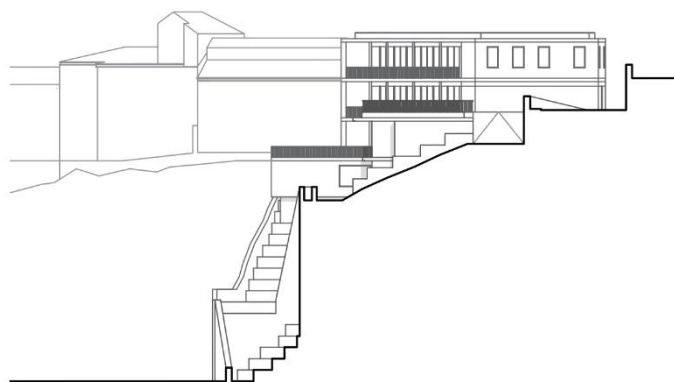


Figura 35 – Fachada Lateral



Figura 36 – Fachada do Largo Actor Dias



Figura 37 – Fachada da Rua Do Miradouro

3.2 Síntese

A presente secção pretende sintetizar as principais opções do Projeto V, em relação a cada um dos tópicos da grelha de análise abordados na secção anterior. Esta síntese procura mostrar, de uma modo mais direto, as alterações que foram pensadas no Projeto V para responder ao lugar e às suas condicionantes.

Ruas e espaços públicos

- O processo de projeto é iniciado com a união do Largo Actor Dias ao Passeio das Fontainhas, com o objetivo de trazer de volta esta ligação que teve um importante papel no desenvolvimento desta zona e assim melhorar a forma física e a vivência urbana.
- Foi pensado o aproveitamento do desnível natural do terreno para criar um percurso Norte/Sul de uso público.
- Foi considerado o acesso público à cobertura, do volume proposto abaixo da cota do Passeio das Fontainhas, de modo a reforçar e prolongar o uso público do Passeio com um novo espaço de miradouro.

Parcelas

- A área de Projeto V foi considerada uma parcela excecional devido ao seu tamanho e forma. Dentro das parcelas excecionais, é uma parcela correspondente a um edifício especial
- Foi considerada a localização desta parcela na malha urbana, num ponto de intersecção historicamente importante para a cidade, e procurou-se tirar partido do seu potencial para definir zonas de maior concentração de pessoas. Foram assim propostos percursos e áreas de convívio e lazer públicos: o reabilitado Passeio das Fontainhas, o seu prolongamento para o novo espaço de miradouro na cobertura do edifício, e o novo percurso Norte / Sul.
- Devido ao tamanho, forma, topografia e localização da parcela, considerou-se que podia ser dividida em duas partes com características distintas: a zona poente com frente para uma rua consolidada, a Rua do Miradouro, e a zona nascente relacionada com o Passeio das Fontainhas e o relevo acentuado da escarpa
- As duas partes distintas da parcela, estão na origem da implantação do edifício em dois blocos distintos, um de uso coletivo (a poente) e outro de uso privado (a nascente).

Edifícios

- O edifício coletivo faz frente para a rua consolidada, localiza-se no limite da parcela e constrói a fachada da rua.
- Já o edifício privado, localiza-se afastado do limite da parcela, recuado do Passeio das Fontainhas, para permitir o acesso público ao percurso. E posiciona-se numa cota inferior, abaixo da cota da rua, para permitir a manutenção das vistas de miradouro do Passeio das Fontainhas e o uso da sua cobertura como prolongamento deste.
- A fachada virada para a Rua do Miradouro procura equilibrar a relação com as fachadas existentes e transmitir uma sensação de segurança a quem passa na rua, através das aberturas na fachada.
- A fachada virada para o rio, foi pensada para que houvesse uma harmonização das fachadas do bloco privado com o bloco coletivo. Esta fachada para o rio segue o exemplo das fachadas encontradas na Rua Alexandre Herculano, no sentido se compor um alçado com um ritmo constante e muita transparência, de modo a transmitir uma sensação de atividade no interior do edifício, que se traduziria numa sensação de segurança para quem percorresse o percurso Norte/Sul.

Capítulo IV – Considerações Finais

Ao longo desta dissertação, procurou-se observar de que modo o *lugar* influencia a proposta de arquitetura e como esta constrói um *novo lugar*, substituindo-o por outro, seguindo de perto o pensamento de Siza Vieira e Giorgio Grassi, arquitetos de referência para o autor.

Para que tal fosse possível, foi fundamental o estudo da área urbana envolvente ao terreno de Projeto V, através da análise da forma física e dos aspetos marcantes do seu processo de desenvolvimento. Este estudo ficou completo com a vivência pessoal do autor, e as sensações por ele sentidas, ao percorrer a área em análise com um olhar mais crítico. A contextualização do lugar serviu para compreender e interpretar os seus elementos característicos, bem como as suas condicionantes, de modo a perceber de que modo as pré-existências podem, ou devem, estar presentes no projeto de arquitetura e na renovação da sua envolvente urbana.

Através da análise morfológica, complementada pela análise crítica, foi possível informar as principais opções do Projeto V, e fundamentá-las no lugar que já existia antes, com uma forma física, uma história, e uma vivência própria e única. Foi assim possível compreender por um lado, que elementos seria importante manter ou respeitar e, por outro lado, que mudanças poderiam ser introduzidas de acordo com as necessidades do lugar, e a sensibilidade do autor. As análises contribuíram para a compreensão e respeito das características da envolvente e considera-se que foi possível equilibrar a preservação da identidade do lugar com o projeto da Residência de Estudantes. Conclui-se assim que a análise morfológica é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento do projeto de arquitetura, facilitando e contribuindo para a sua correta integração no espaço urbano envolvente, respeitando as suas características físicas, a sua história, e a sua relevância social para as pessoas que o habitam ou visitam.

Na sequência da análise, que identificou importantes características físicas que contribuem para a sua importância na cidade e na vida urbana, mas também fragilidades que prejudicam a vivência do lugar, conclui-se também que a proposta de Projeto V, seria capaz de construir um novo lugar com consequências positivas na sua envolvente próxima e no espaço público. Resume-se algumas opções do Projeto V de modo a ilustrar o que seria este *novo lugar*: a reposição da ligação fundamental para a cidade entre o Largo Actor Dias e o Passeio das Fontainhas; a integração da topografia da escarpa nos

percursos da cidade, através da criação de um percurso Norte/Sul de uso público de lazer; a consolidação do tecido urbano da Rua do Miradouro; a reabilitação da escarpa das Fontainhas com a construção de um edifício virado para o rio e um espaço verde público que respeita os desníveis naturais do terreno.

Finalmente, ainda que assumindo o pequeno impacto transformador que um único edifício pode ter na vida da cidade, deixa-se uma reflexão sobre os aspetos positivos que poderiam ocorrer com a transformação deste lugar. O primeiro seria a revitalização e dinamização da área onde a Residência de Estudantes se implantaria, trazendo uma vida nova para esta zona, com a presença constante de estudantes, o que por sua vez poderia ajudar a atrair outros investimentos. Um segundo ponto positivo seria a integração e conexão desta área com outras partes da cidade, uma vez que, com a criação do projeto ocorreu a criação de duas ligações que facilitariam a circulação das pessoas. Como terceiro ponto, o projeto ajudaria a melhorar a qualidade de vida, não só dos estudantes, que teriam um local adequado ao estudo e convívio, como dos moradores locais e visitantes que iriam usufruir de novos espaços públicos e zonas verdes de lazer.

Termina-se esta dissertação reforçando que, a transformação de um *lugar* num *novo lugar* requer uma abordagem que não considere apenas os aspetos físicos, mas também os aspetos sociais e culturais da comunidade. Assim, com a criação desta Residência de Estudantes procurou-se pensar o projeto não apenas para os seus utilizadores principais, os estudantes, mas um projeto para a cidade e para os seus habitantes.

Referências Bibliográficas

Barata, Francisco. **Transformação e Permanência na Habitação Portuense: as formas da casa na forma da cidade**, Porto: FAUP Publicações, 1999

Conzen, M.R.G. **Alnwick Northumberland: análise do plano de cidade**. Urban Forms, Porto, 2022[1969], tradução para português por Oliveira, V. e Monteiro, C. ISBN978-989-33-2888-0

Ferreira, M. J. C. M., **A Urbanização das Fontainhas Séculos XVIII-XIX**, Dissertação de Mestrado em História e Património não publicada, Porto: FLUP, 2018

Grassi, Giorgio. **Escritos escolhidos 1965-2015**, Porto: Afrontamento, 2018

Gehl, Jan.Svarre, Brigitte. **A vida na Cidade: Como Estudar**, tradução Anita Di Marco, Ed, São Paulo: Perspectiva, 2018

Heidegger, Martin. **Construir, habitar, pensar**. Madrid: La oficina, 2015 [1951]

Higino, Nuno. **Álvaro Siza: Desenhar a Hospitalidade**. Porto: Casa da Arquitectura, 2010

Júnior, Magalhães, **Entre o Plano e o Declive**, Dissertação de Estudos Avançados em Projeto de Arquitetura / EAPA não publicada, Porto: FAUP, 2016

Macedo, A. E. R., **Habitar o Lugar: Habitação unifamiliar em Silvaes**, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura não publicada, Universidade Beira Interior, 2020

Magalhães, S. M. C., **Bairro Herculano: Novo estrato num processo de sedimentação**, Volume I, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura não publicada, Porto: FAUP, 2017

Montgomery, J., **“Making a city: urbanity, vitality and urban design”**, Journal of Urban Design 3, p. 93-116 ,1998

Norberg-Schulz, Christian. **O fenômeno do lugar** [1976]. In: NESBITT, Kate (org.). Uma Nova Agenda Para A Arquitetura: uma antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2006,

Oliveira, Vítor. **Urban Morphology – An Introduction to the Study of the Physical Form of Cities**, Cham: Springer, 2016

Plano Diretor Cidade do Porto, 1962

Ralha, S. S., Lemos, P. A. e Abranches P. B., **A muralha, as pontes, o elevador e a condução de águas: um retrato da escarpa dos Guindais no Porto Oitocentista**, p. 79-96, Archeo’Estudos, Investigação Arqueológica, 2014

Siza Vieira, Álvaro, **01 textos**, Porto: Civilização Editora, 2009

Siza Vieira, Álvaro, **Imaginar a Evidência**, Lisboa: Edições 70, 2000

Timana, P. L., **Regeneração Urbana: O diálogo entre os Espaços Públicos e Espaços Sobrantes na Cidade**, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura não publicada, Porto: ULP, 2018